

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE SÍLVIO FRONDIZI: DO
LIBERALISMO À MILITÂNCIA SOCIALISTA**

Curitiba
2011

Jeú Daitch de Castilho

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE SÍLVIO FRONDIZI: DO
LIBERALISMO Á MILITÂNCIA SOCIALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Profº Drº Pedro Leão da Costa Neto

CURITIBA
2011

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais: Silvana Letícia e José Neto
Ássica Feliciano: minha musa.*

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil, nada fácil. Mas conseguimos. Este trabalho não é um fruto individual e singular, pelo contrário, é coletivo e plural. Inicialmente agradeço a Deus, meu companheiro de todas as horas que me protegeu nas minhas idas e vindas. A minha família, grandes financiadores de minha profissão. Meus pais foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui. Agradeço à minha mãe pela força dada nas inúmeras traduções do espanhol para o português. A meu pai que sem perceber me ensinou os valores que levarei comigo por toda a vida. Meus sinceros agradecimentos também a minha eterna namorada que com paciência cancelou muitos encontros e cafezinhos no Paço e me permitiu escrever ou ler. A Jéssica Feliciano (minha paixão eterna), portanto, meus sinceros agradecimentos.

Indispensáveis nessa monografia foram meus colegas: os persistentes. Ao César (também conhecido como “atormentador de calouros”) pelas inúmeras caronas e pela paciência em ouvir-me falar de peronismo, bonapartismo, marxismo, etc. A recompensa virá no momento certo. Arantxa, minha colega de estágio, ônibus e Guadalupe: uma grande amiga. Claudinei, Douglas, Cláudio, Leandro, Cintia, Allysson, Felipe, Daniela, Bruna entre outros foram às grandes amigas que fiz. Sempre me estimulando: a eles agradeço.

Aos professores da UTP, em especial meu orientador Pedro Leão da Costa Neto. Grande amigo que teve paciência e me deu dicas importantes para a realização deste trabalho, além de me inserir num mundo diferente, numa teoria diferente. Mostrou-se um verdadeiro mestre. A ele meus sinceros agradecimentos. Aos professores (as): Viviane, Etelvina, Geraldo, Vera Irene, Clóvis, Maria Ignês, Marilda, Sandro, Oswaldo, Pedro Valandro, Maria Cecília, que contribuíram para minha formação agradeço de coração.

A todos os que me ajudaram e cujos nomes me escapam nesse momento: muito obrigado por fazerem parte deste sucesso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. O PERONISMO E A POLÍTICA ARGENTINA	11
1.1. ARGENTINA: BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA (1930-1945)	11
1.2. A ARGENTINA NO PRIMEIRO GOVERNO DE PERÓN (1945-1955).....	23
2. SÍLVIO FRONDIZI E A HISTÓRIA POLÍTICA ARGENTINA	37
2.1. A VIDA E A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE SILVIO FRONDIZI (1907- 1974).....	37
2.2. A INTERPRETAÇÃO DO PERONISMO POR SÍLVIO FRONDIZI.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
FONTES	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

A nova historiografia abriu um leque de possibilidades incomparáveis de estudos históricos. Os personagens e eventos que por muitos anos, e até mesmo séculos, estiveram “desaparecidos” do cenário histórico e social passaram a ganhar destaque e importância para os historiadores do presente, na medida em que são considerados elementos indispensáveis para a compreensão do contexto histórico em que estavam inseridos.

A história do marxismo na América Latina, e especialmente na Argentina, não foge dos parâmetros acima mencionados. Muitos foram os historiadores que pensaram e escreveram sobre o marxismo e a sua influência no pensamento latino-americano, sendo que, essas produções foram por muitos anos desprezadas. Graças a essa historiografia é possível ter acesso a novas fontes e perceber o sentido das idéias e a importância das interpretações desses escritores para a compreensão dos fenômenos históricos latino-americanos.

Neste meu estudo, faço uma tentativa de trazer a luz um esquecido da história: Sílvio Frondizi. Dificilmente se encontram, em textos marxistas que estudam a Argentina, referências a interpretação que Frondizi elaborou do peronismo. Enquanto militante marxista declarado nosso autor realizou uma fecunda e aprofundada análise da história argentina, dedicando especial atenção ao peronismo. Ao perceber a importância da sua produção, bem como da interpretação que ele fez do governo de Perón surgiu a possibilidade de estudar seu pensamento, em especial a concepção que desenvolveu do primeiro ciclo peronista (1946-1955).

Inicialmente a postura de Frondizi estava comprometida com o liberalismo, em especial com a visão trágica de mundo. Segundo essa visão a situação mundial era caótica e a sociedade estava caminhando para o seu próprio fim. Para o então jovem estudante essa concepção representava a realidade de seu próprio país, marcado por uma tensão e crise política que culminou no “golpe” de 1943. Essa situação levantou várias dúvidas no pensamento de Frondizi e ao mesmo tempo colocou em xeque sua concepção de mundo. Lentamente ele vai tomando contato com autores marxistas e percebendo a situação do mundo por outro viés: o do materialismo dialético.

A problemática era aparentemente simples, mas ao mesmo tempo complicada: qual a contribuição de Sívio Frondizi para o pensamento político em geral e para o marxismo da Argentina nas décadas de 1960-1970? O grande destaque de Frondizi foi o estudo realizado sobre o peronismo. Vale destacar que o militante não apenas estudou o primeiro ciclo peronista, mas também sentiu e enfrentou o peronismo. Dessa forma, entender a concepção de Frondizi significa em primeiro lugar compreender que ele fez uma análise de seu tempo presente e perceber, portanto, as limitações de sua interpretação.

Partindo dessa problemática alguns objetivos foram traçados. O primeiro deles consistia em inserir nosso autor dentro de um contexto, nesse caso a Argentina da metade do século XX. O segundo objetivo era entender a situação da esquerda nesse país. Para tanto foi necessário estudar o ideário do Partido Comunista da Argentina. Mas, além disso, era indispensável fazer um estudo do peronismo e perceber ao mesmo tempo como o PC argentino lidava com o movimento peronista. Entendendo essa interpretação e percebendo qual a idéia que nosso autor formulou seria possível situar Sívio Frondizi dentro ou fora da tradicional esquerda argentina.

Para resolver essa problemática recorreremos às fontes. A fonte fundamental foi a principal obra de Frondizi: *La Realidad Argentina. Ensayo de interpretación sociológica. Volumen I: El sistema capitalista; volumen II: La revolución socialista*, livro publicado entre os anos de 1955 e 1956. Essa obra foi dividida em dois grossos tomos, sendo que no primeiro Frondizi objetivou entender o sistema capitalista mundial e as conseqüências de sua ação na América Latina e no segundo analisou os pressupostos da Revolução Socialista. É dentro do primeiro tomo que ele estudou o peronismo. Alguns outros livros também serviram como fontes complementares, como é o caso de dois deles: *La Revolución Cubana. Su significación histórica*, de 1961 e *Doce años de política Argentina*, de 1958.

Para melhor interligar as fontes ao objeto de estudo utilizamos alguns referenciais teóricos: Antonio Gramsci e Karl Marx. O primeiro desenvolveu o conceito de intelectual orgânico. Para ele todo o homem é um intelectual, mas não são todos os homens que desenvolvem as funções do intelectual. Os homens, sem exceção,

são intelectuais à medida que possuem visão própria de mundo, liberdade de crítica e formação de idéias, mas quando não estão diretamente ligados a classe social da qual fazem parte, não podem desenvolver sua intelectualidade. Como se não bastasse o intelectual ser um representante da classe ele também deve ser da própria classe. É impossível que um intelectual burguês queira defender o proletariado. Sobre isso escreve Gramsci:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo político, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1995, p.3).

Depois dessa rápida conceituação percebe-se que é possível relacionar o intelectual criado por Gramsci com a pessoa do marxista Silvio Frondizi. Frondizi pode ser considerado o exemplo clássico de um intelectual. Passou a maior parte de sua vida defendendo os interesses da classe proletária na América Latina. Como intelectual, ele não apenas representou os trabalhadores argentinos em seus folhetins e livros, mas também batalhou por eles. Por intermédio de seus escritos procurou despertar nos trabalhadores a consciência de classe e através disso levá-los a homogeneidade, visando destruir de uma vez por todas, através da revolução, com o sistema imperialista.

Como se não bastasse seus escritos, Silvio Frondizi também foi fundador de um partido político, o MIR-Práxis (Movimiento de Izquierda Revolucionário Práxis), que, enquanto intelectual, utilizou para concretizar suas idéias de classe. Foi um intelectual ardoroso que não apenas raciocinou pela classe, mas deu também a própria vida por ela, ao ser assassinado em 1974 pelos seguidores do peronismo, do qual era ferrenho opositor.

Vale destacar ainda que Antônio Gramsci acreditava fortemente na teoria vinculada diretamente com a práxis. Ele aponta que a instauração do socialismo deve ser calcada de estratégias e práticas revolucionárias. As transformações do capitalismo não culminariam necessariamente na sua derrocada e na implantação do socialismo. Se

assim fosse os homens poderiam esperar inertes pelo grande dia da derrocada do sistema do capital. Gramsci afirma categoricamente que os homens são seres ativos e, portanto, possuem as rédeas da história. Eles têm a capacidade de criar seu próprio destino. Levando em consideração essa atividade e a não-passividade dos homens é que o comunista italiano influenciou coerência ao seu pensamento quando vinculou a determinação de diferentes estratégias para se chegar ao poder com a necessidade da classe operária ser hegemônica. O capitalismo, afirma Gramsci só será destronado pelos trabalhadores e não pela inevitabilidade histórica.

Karl Marx foi importante enquanto referencial teórico pelas discussões que fez sobre o bonapartismo (para Sílvio Frondizi o peronismo era uma forma de manifestação bonapartista). Para o pensador alemão o bonapartismo era uma forma de poder da burguesia já desenvolvida e se efetivou inicialmente na França, quando as revoltas do proletariado obrigaram a burguesia abrir mão de seu poder político e recorrer ao poder de Luis Bonaparte. Esse poder cedido ao aventureiro Bonaparte, no entanto, era um poder limitado, ou seja, a burguesia controlava indiretamente a situação do país:

Bonaparte como força do Poder Executivo autonomizado, sente como vocação sua assegurar a “ordem burguesa.” Mas a força dessa ordem burguesa é a classe média. Sabe-se, portanto, representante da classe média e promulga decretos nesse sentido. (MARX, 2008, p.332)

Para o militante argentino, a realidade de seu país durante o primeiro ciclo peronista apresentava essa realidade: a burguesia controlava o poder político, intervindo também na economia do país e usava Juan D. Perón como um “representante” de sua ideologia.

Um outro esquecido da história da esquerda argentina, que também interpretou o peronismo como uma manifestação bonapartista foi Milciades Peña. Na *História del pueblo argentino* Milciades reservou dois tomos para estudar a Argentina por um viés marxista. A riqueza de seu estudo justifica-se pela sua capacidade na articulação das inúmeras fontes que utilizou, bem como pela crítica especial que reservou ao peronismo. Recentemente o historiador argentino Horácio Tarcus dedicou um estudo aprofundado e interessante sobre a vida e as publicações desse militante argentino que

por anos foi esquecido pelos historiadores. Em seu livro *El marxismo olvidado en Argentina: Sívio Frondizi e Milciades Peña*, publicado em 1996, Tarcus apontou a importância da produção de Peña para o movimento da nova esquerda que surgiu na Argentina em meados da década de 1950 e 1960. Nosso trabalho valoriza a interpretação que Milciades fez da política argentina, sendo ele um dos referenciais bibliográficos. Além de Peña usamos também o importante trabalho que Michel Löwy desenvolveu sobre o marxismo na América Latina. Sua antologia abrange muitos desprezados na história do marxismo latino-americano.

A pesquisa foi dividida em dois capítulos. O objetivo principal do primeiro capítulo consiste em entender a situação histórica da Argentina entre os anos de 1930 e 1960. Trinta anos de história argentina não podem, de maneira alguma, serem estudados e escritos em cem páginas de uma monografia, ou ainda menos em um só capítulo, pois, são inúmeros os movimentos históricos que aconteceram no país nesse período, muitos dos quais- por razões das mais diversas - entre elas as limitações da pesquisa, não serão considerados nesse estudo. Tendo consciência disso e evitando cair nas armadilhas da história, procuro descrever nesse primeiro momento, ainda que de forma muito ambiciosa, uma contextualização da estrutura histórica da Argentina durante pelos menos dois períodos: a “década infame” (1930-1943), que começa com o golpe do general José Uriburu e termina com o início do governo de Juan Domingo Perón, no ano de 1946, e o período peronista que se estende de 1946 até 1955. É de teor importante analisar também os anos de 1943 até 1946, período que Argentina esteve sob o comando das Forças Armadas, que foram posteriormente substituídas, através de eleições, pelo Coronel Perón. Antes disso, entretanto, realizo uma breve análise do período anterior a subida do general Uriburu ao poder, ou seja, os trinta primeiros anos do século XX, buscando facilitar, de forma resumida, o entendimento do processo que culminou no retorno das forças conservadoras ao poder.

Em um segundo momento, nos detivemos no peronismo e procuramos destacar como era sua ideologia, qual as causas de seu “sucesso” (ainda que momentâneo) e qual a relação do peronismo com os demais partidos políticos da Argentina, tanto tradicionais quanto revolucionários, em especial com o Partido

Comunista e os partidos de esquerda mais radicais. É fundamental também entender a relação que existia entre o peronismo e as massas populares.

Por fim, ainda dentro do primeiro capítulo, realizamos uma análise da esquerda argentina, em especial o Partido Comunista Argentino, até o ano de 1959, momento importantíssimo para os Partidos Comunistas e demais partidos de esquerda, quando eclode a Revolução Cubana que, num efeito causa-consequência, influenciou pensadores, intelectuais e partidos de toda a América Latina, despertando nos partidos de esquerda- mesmo não havendo homogeneidade entre os representantes das esquerdas latino-americanas- a consciência revolucionária e a possibilidade de realizar a Revolução Comunista.

O segundo capítulo aborda exatamente a vida de Sívlio Frondizi, bem como sua militância. Depois de entender o contexto no qual Frondizi passou sua infância e juventude nos deparamos com seu período de maturidade, ou seja, o período mais fértil de seu pensamento. É nesse momento que as fontes aparecem. É aí também que o pensador marxista estudou o primeiro ciclo peronista.

Percebemos que Frondizi rompeu com a esquerda tradicional na interpretação do peronismo. Para os comunistas argentinos o governo de Perón era uma manifestação fascista, enquanto que para o primeiro era uma forma de poder bonapartista. Aqui a concepção de Frondizi revela toda a riqueza de seu estudo que levou mais de dez anos para ser concluído e contou com inúmeros colaboradores.

1. O PERONISMO E A POLÍTICA ARGENTINA

1.1 ARGENTINA (1930-1945)-BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

A Argentina do início do século XX era governada por uma oligarquia que estava entrelaçada com o capital estrangeiro, em especial o britânico. Essa oligarquia conservadora, que se estruturou e se consolidou na Argentina desde as últimas décadas do século XIX, afastou as massas da vida política e se caracterizou por acordos políticos entre o presidente da República e os governantes locais. Dessa forma, todo o partido, classe ou grupo que não participasse do jogo de poder oligárquico-imperialista era silenciado, ou seja, tinha seu caminho político estagnado pelas forças conservadoras. Uma situação de monopólio na vida social, cultural e política se instaurou na Argentina durante pelo menos 35 anos, ou seja, no período que vai de 1880 a 1916. (KAPLAN, 1986)

Segundo o historiador argentino Marcos Kaplan, esse processo entrou em choque com os interesses de diversos grupos sociais, entre os quais podemos citar: grandes e médios latifundiários, comerciantes afastados dos círculos oligárquicos centrais- marginalizados das posições superiores de *status* e poder - novas camadas médias, rurais e urbanas, entre as quais se situavam profissionais liberais, intelectuais, estudantes e empregados públicos - que eram frutos da política oligárquica muitos dos quais eram ligados a ela por laços de dependência-; pequenos e médios estancieiros, chacareiros e colonos; trabalhadores urbanos; filhos de imigrantes, setores e grupos sociais de Córdoba, Santa Fé e Entre Rios, desejosos de participarem da política.

As inquietações políticas de variados setores culminou na formação de um bloco político chamado de União Cívica Radical (UCR) que procurou destituir a oligarquia do poder. Surgiu então um importante elemento político na Argentina: os radicais, cujo viés ideológico caracterizou-se da seguinte maneira:

A ideologia do radicalismo se configura, ao mesmo tempo, como expressão de suas bases sociais e como reação contra seus inimigos e concorrentes. Combina elementos políticos, metafísicos e morais. Enfatiza as noções da democracia, política liberal, sobretudo a necessidade de tornar vigente a

soberania popular; o nacionalismo; o papel predominante do Estado. O nacionalismo da União Cívica Radical reflete os avanços da integração e centralização do país e do sistema político-institucional; a presença incrementada de diversas classes e grupos regionais; a reação contra o espírito dependente e cosmopolita da oligarquia e contra penetração imperialista [...]. O programa da UCR constitui a continuidade e prega a realização efetiva do processo democrático burguês simultaneamente iniciado e limitado pela oligarquia. (KAPLAN, p.25)

O radicalismo provocou, dessa maneira, uma crise na oligarquia argentina que se viu questionada e ao mesmo tempo isolada. Enfraquecida e desmoralizada principalmente pela queda das atividades pecuárias que demonstrava que o crescimento econômico não continuava progredindo com o mesmo ritmo, e também pelos conflitos ideológicos internos, a oligarquia lentamente foi obrigada a aceitar sua retirada ainda que temporária, como veremos mais adiante, do cenário político argentino.

O radicalismo, por sua vez, teve na figura de Hipólito Yrigoyen, o seu principal representante. Embora configurada como um partido, a União Cívica Radical foi também um movimento que aglutinou a maioria esmagadora dos grupos nacionais. Em seu plano político estava demarcada a impossibilidade de realizar transformações sociais profundas. Diante disso é possível perceber a heterogeneidade, bem como a vacilante e tímida proposta política da UCR que culminou na sua queda em 1930. Nas palavras de Kaplan: “[...] o golpe de setembro de 1930, que derrubará o radicalismo do poder, já está implícito na frustração de 1916.” (KAPLAN, p. 29). Independente disso o ano de 1916 foi vitorioso para o radicalismo já que aconteceram no país as primeiras eleições com voto secreto e a população elegeu Hipólito Yrigoyen como presidente da República.

O dia 12 de outubro de 1916 marcou profundamente a história argentina, já que:

Foi um dia excepcional: uma multidão tomou a Plaza Del Congresso e as ruas próximas para aclamar o primeiro homem eleito pelo voto universal, secreto e obrigatório, de acordo com a nova lei eleitoral, sancionada em 1912 por iniciativa do presidente Sáenz Peña. Após a cerimônia, o povo soltou os cavalos da carruagem presidencial e a puxou em triunfo até a Casa Rosada, sede do Poder Executivo. (ROMERO, 2006, p.13)

Dessa forma Yrigoyen chegou ao poder, com mais de 100.000 mil votos de vantagem sobre seu adversário conservador (PEÑA, 2006, p. 9), além de contar com um fortíssimo apoio popular, como apresenta Luis Alberto Romero. As massas populares até então marginalizadas pela oligarquia passaram a ter, ainda que minimamente uma voz e uma ação na vida política do país.

A UCR permaneceu no poder entre 1916 e 1930. Nesse período foram realizadas pequenas reformas que não alteraram a base econômica do país. Ela freou também reivindicações sindicais e reprimiu as massas com massacres e violências. A burguesia não tardou a enriquecer e aproveitando-se principalmente nos primeiros anos do governo de Yrigoyen, da situação do cenário mundial, já que a Grande Guerra estava em andamento e os países europeus, especialmente a Grã-Bretanha que sempre manteve laços de amizade com a Argentina, precisavam de produtos primários, especialmente carnes que então prevalecia, junto com o trigo, como a grande fonte de riqueza da Argentina. Para o historiador e crítico argentino Milcíades Peña:

Yrigoyen mantuvo la neutralidad, apoyado por su ministro de Relaciones Exteriores Honorio Pueyrredón, gran amigo de Inglaterra. El enigma de por qué gobernantes tan bien dispuestos hacia Inglaterra permanecían neutrales en una guerra entre el imperialismo inglés y sus rivales, se aclara recordando que la neutralidad argentina era una neutralidad activamente beligerante al servicio de Inglaterra, que permitía a la Metrópoli recibir los necesitados granos y carnes de su semicolonía y a la de burguesía de la semicolonía prosperar y enriquecerse. Como lo declaro Lloyd George, entonces primer ministro británico, la guerra se ganó sobre toneladas de carne y trigo argentino.(PEÑA, p.11)¹

Dessa forma, os governos radicais (Hipolito Yrigoyen-1916-1922; Marcelo T. de Alvear-1922-1928 e novamente H. Yrigoyen-1928-1930) mantiveram intactas as estruturas sócio-econômicas vigentes desde sua chegada ao poder, caracterizando-se

¹ Yrigoyen manteve a neutralidade, apoiado por seu ministro de Relações Exteriores Honorio Pueyrredón, grande amigo de Inglaterra. O enigma de porque os governantes tão bem dispostos à Inglaterra permaneciam neutros em uma guerra entre o imperialismo inglês e seus rivais, se esclarece recordando que a neutralidade argentina era uma neutralidade ativamente beligerante ao serviço da Inglaterra, que permitia a Metrópole receber grãos e carnes necessários de sua semicolônia e a burguesia da semicolônia prosperar e se enriquecer. Como declarou Lloyd George, então primeiro ministro britânico, a guerra se ganhou sobre toneladas de carne e trigo argentino. (Tradução livre do autor)

também por alianças com o imperialismo, principalmente o britânico, que valorizava e enriquecia a burguesia como apontou Peña.

A oligarquia, depois do desastre de 1916 voltou a se agrupar, objetivando tomar o poder novamente. Cabe aqui perguntar: como foi que uma oligarquia desmoralizada pelo governo radical conseguiu novamente assumir as rédeas da política argentina em 1930? Alguns pontos devem ser considerados.

Em primeiro lugar, a situação do país, durante o segundo governo de Yrigoyen serviu para desmoralizar o radicalismo, uma vez que esse governo foi efêmero e o país:

[...] foi se transformando, enquanto novas situações críticas não demoraram a eclodir. Os volumes e os preços das exportações argentinas se reduzem, enquanto aumentam os preços das importações, reduzindo-se a capacidade de compra do país. A contradição entre a democratização política e as pressões distributivas e o lento crescimento econômico se acentuam ainda mais. A oligarquia não oculta mais sua impaciência ante tal situação e sua irritação se transmite às camadas médias ou é compartilhada espontaneamente por estas. (KAPLAN, p. 32)

Percebe-se, portanto, que a oligarquia voltou a se estruturar, agora em torno de um objetivo: tomar o poder. Como se não bastasse isso, a desorganização, a incapacidade e a anarquia se generalizaram na administração pública o que levou Yrigoyen a uma prática ainda mais autoritária de poder.

Um segundo fator importante, que serviu para desestruturar o governo de Yrigoyen foi a crise de 1929, que teve um impacto mundial atingindo também a Argentina. Dentro desse contexto quem se beneficiou foi a oligarquia ao conspirar “[...] contra os dissidentes radicais que denunciavam a inclinação da UCR para a esquerda” (SANTOS. *ap* REIS FILHO, p. 71). A consigna da burguesia e da pequena burguesia, encabeçada principalmente pelos estudantes era: “Democracia Sim, Ditadura não. Liberdade!” (PEÑA, p. 23)

No dia 6 de setembro de 1930 teve início o período conhecido como “década infame” denominado por um historiador argentino, devido ao golpe do general José Félix Uriburu, abrindo assim o segundo ciclo oligárquico que se prolongou até o ano de 1943 com o advento do peronismo. Qual o perfil desse novo governo? Foi ele apenas uma continuidade de uma política que havia sido freada pelo radicalismo?

Entre 1930 e 1943 uma minoria privilegiada se manteve na liderança política do Estado, ao combinar fraude eleitoral, corrupção descarada e crua violência a cargo do exército e da polícia. Estes dois últimos, tidos como “elementos de segurança” do país transformaram-se, na verdade, no horror da população. Foi um governo de poucos e para poucos. O povo que no governo de Yrigoyen timidamente interessou-se em uma participação mais efetiva na política foi novamente distanciado das principais representações políticas, ou seja, para as classes trabalhadoras e pobres do país nada havia mudado e o conservadorismo aliado ao exército assumiu novamente as rédeas do poder político.

Com o governo de Uriburu, a corrupção administrativa atingiu o ápice. Segundo José Luis Bendicho Beired, o golpe de 1930 recolocou os antigos conservadores no controle da política e o governo “tentou implantar um regime corporativista inspirado no fascismo, isto é, com um governo assentado na representação de categorias profissionais” (BEIRED, 1996. p.51). O presidente impôs uma ditadura militar-policial, onde as milícias fascistas foram às ruas reprimindo toda e qualquer manifestação que entrasse em choque com os ideários do governo. A oposição, em especial os sindicatos e militantes, foi perseguida, presa e torturada. Essa situação distanciou Uriburu dos políticos tradicionais, que não sonhavam com uma Argentina nas mãos de um punhado de fascistas desorientados, obrigando-o, em 1932, a convocar eleições totalmente fraudulentas que levaram à presidência da República o general Augustín Pedro Justo, outro representante da oligarquia que permaneceu no poder até 1938.

A Crise de 1929 e suas conseqüências mundiais forçaram o estado argentino a intervir de maneira mais direta na economia. No cenário mundial, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos intensificaram a luta pelo controle do mercado interno e da política econômica da Argentina. O presidente argentino, através do tratado de Roca-Ruciman de 1933, demonstrou total apoio às empresas britânicas. Em linhas gerais esse tratado se caracterizou por um distanciamento com os Estados Unidos e por uma aproximação com a Grã Bretanha:

[...] firma-se entre Londres e Buenos Aires o tratado de Roca-Ruciman de 1933, do qual procede um tratamento preferencial às empresas de capital

britânico (livre importação, cambio abundante em termos privilegiados, garantias para o pagamento de amortizações e juros das inversões britânicas, entrega do transporte urbano em Buenos Aires, compra de empresas britânicas em dificuldades). Acentua-se a influência britânica sobre a economia e a política argentina. O governo argentino restringe o acesso ao mercado interno ao interesses norte-americanos e desdobra uma ação diplomática destinada a defender as posições britânicas na América Latina contra a crescente ingerência dos Estados Unidos. (KAPLAN, p.35)

Diante disso ocorreu na Argentina um processo de submissão ao capital inglês que culminou em um fenômeno que Milcíades Peña caracterizou como pseudo-industrialização, ou seja, um tipo de crescimento que não questiona as velhas formas de dominação agrária nem fortalece o país frente ao capital imperialista, mas pelo contrario, aumenta ainda mais a dependência econômica, tecnológica, financeira e diplomática para com o imperialismo (PEÑA. *ap.TARCUS*, 1996, p. 323). A burguesia foi a grande vilã desse processo já que procurou atrair capitais estrangeiros. A emigração do campo para a cidade, em decorrência da pseudo-industrialização aprofundou a crise da agricultura e criou um novo proletariado. Buenos Aires recebeu a maioria desses trabalhadores e sofreu, em meados da década de 1940 os maiores impactos da urbanização. Grupos sociais, entre eles as classes médias, o proletariado industrial e as massas marginalizadas emergiram e se consolidaram, buscando reconhecimento político e objetivando melhorias.

Roberto Marcelino Ortiz, outro oligarca, foi eleito presidente em 1938, substituindo o presidente Justo. As eleições mais uma vez foram fraudulentas. Afetado por uma doença, Ortiz delegou o mandato para seu vice Ramón S. Castillo. No ano de 1939 estalou a Segunda Guerra Mundial que impactou a política e os rumos da Argentina, porque ela se viu inserida no sistema internacional, além de ser pressionada pelos países envolvidos a se posicionar na guerra. Mesmo assim a Argentina permaneceu neutra até quase o final da guerra. Existiram momentos, no entanto, que foi possível perceber certa aproximação ora com o Eixo, ora com os Aliados. A Argentina se posicionou de maneira irreversível apenas no final de 1945 pressionada pelos Aliados, principalmente Grã Bretanha e Estados Unidos.

De início percebe-se a continuidade da influência britânica no país, mas a situação começou a mudar em meados da década de 1940 cedendo espaço para o

imperialismo norte-americano. Kaplan ao analisar essa mudança de rumos da política argentina justifica:

A industrialização em marcha, na qual os capitais norte-americanos desempenharam um papel cada vez mais significativo, melhora a situação do imperialismo de Washington e estreita os laços com novos setores industriais em ascensão. [...] Nos convênios de 1937, subscritos pela Yacimientos Petrolíferos Fiscales com membros do cartel de petróleo, que fazem o Estado argentino perder o pleno e direito controle sobre o mercado de combustíveis líquidos, a presença da Standard Oil norte americana é pelo menos tão importante quanto a da Royal Dutch Shell anglo-holandesa [...] A partir de 1941, entretanto, a Argentina começa a incrementar suas exportações para os Estados Unidos até que sua balança comercial com esse país se torne favorável. (KAPLAN, p. 37)

A influência norte-americana também é notada por Luis Alberto Romero. Segundo o historiador, o Estado possuía forte intervenção na economia e:

Em novembro de 1940, Piñedo, designado ministro da Fazenda por Castillo, fez uma avaliação lúcida desse novo cenário e uma proposta audaciosa e livre de preconceitos. Seu Plano de Reativação Econômica sugeria a compra de colheitas pelo Estado, para manutenção do preço, e também o estímulo à construção civil, pública e privada, capaz de mobilizar muitas outras atividades. O plano procurava uma saída para as dificuldades geradas pela guerra. [...] Piñedo chamava a atenção para o problema de uma economia excessivamente fechada em si mesma e sugeria estimular as indústrias “naturais” que trabalhavam com matérias-primas locais e podiam exportar para os países vizinhos e os Estados Unidos. Por esse caminho, a longo prazo, a Argentina acabaria solucionando o déficit comercial com o país do Norte. [...]. (ROMERO, p. 84)

A oligarquia, com a guerra, cindiu-se. Alguns membros da classe dominante influenciados pelo conflito guerra tendiam para o lado inglês, outros para o norte-americano, outros chegaram a ser pró-germânicos. Fora desse círculo, os novos setores industriais e a classe média democrático-liberal vislumbravam, numa aliança com os Estados Unidos, a possibilidade de expandirem os seus negócios. Como se não bastasse essa heterogeneidade da oligarquia, caracterizada pelas inúmeras visões ideológicas e políticas dos seus membros, a violência desmedida, aliada a fraude eleitoral e a corrupção geral serviram para desmoralizar o regime oligárquico. Um velho fenômeno mostrou novamente sua cara: a oligarquia se viu enfraquecida novamente, sem uma proposta de governo e sem o apoio popular. O regime só

permaneceu em pé (apesar de estar cambaleante) porque contou com o apoio do exército. As Forças Armadas foram desde o começo a vanguarda da oligarquia. Mas não eternamente.

A industrialização da Argentina, como já citado, culminou na criação de um novo proletariado industrial, concentrado principalmente em Buenos Aires e nos centros urbanos do interior. Lentamente as pessoas foram deixando os campos argentinos e partiram para Buenos Aires em busca de melhorias de vida ou emprego. Tal desenvolvimento e urbanização acelerados formaram uma massa disponível para eventuais discursos. Esse proletariado, mesmo sendo expressivo em número não possuía homogeneidade, nem potencial para se converter em classe, ou seja, não tinha autonomia para propor soluções ou mudanças no país. Os Partidos Socialista e Comunista na visão de Marcos Kaplan, não passavam de “elites intelectuais e burocratizadas” (KAPLAN, p. 39), ou seja, não conseguiram apresentar propostas e estavam longe de serem os representantes das classes menos privilegiadas. Tanto as Forças Armadas, como o governo oligárquico vigente estavam completamente distantes do povo. O golpe de Estado encabeçado pelo Coronel Juan Domingo Perón ofereceu, ainda que minimamente, como veremos mais a frente, possibilidades de melhorias para a classe trabalhadora, algo que a oligarquia nunca esteve preocupada em realizar.

Aqui as palavras de Torcuato di Tella confirmam o exposto, uma vez que em sua visão o panorama da Argentina da década de 1940 estava preparado para uma manifestação do tipo populista ou nacional popular. Entre os ingredientes clássicos desse tipo de manifestação é possível citar: elites frustradas e massas mobilizadas, mas sem organização e experiências autônomas. São nessas condições que o culto a personalidade se tornou um forte atrativo para às massas. Ora, o que vimos até aqui foi exatamente isso. A oligarquia argentina estava decepcionada e cambaleante. Ela não possuía interesse em apresentar um projeto político capaz de alterar a estrutura do país. Em suma: a oligarquia era parasitária. Sobrevivia porque tinha ao seu lado fortes forças políticas, entre elas o exército e a colaboração do estrangeiro, em especial o apoio norte-americano. E as massas? Elas compunham a maioria da população do país,

mas não participavam da vida política do país, estavam desnorteadas, desorganizadas e não possuíam experiência na luta. E qual o papel dos sindicatos? Não desempenhavam estes uma função de conscientização das massas? Os sindicatos eram extremamente burocratizados e estavam longe de um contato mais direto com o povo. Serviam, portanto ao governo. É o próprio Torcuato, ao usar uma expressão de Gino Germani, que aponta a solidão das massas ao perderem a proteção dos seus três pais: o paterfamilias, o patrão e o padre (DI TELLA. *ap* PRADO, p. 150, 151). Como veremos adiante a saída para a massa foi achar um novo pai, encarnado na figura do coronel Juan D. Perón.

O cenário de meados de 1940, portanto, estava preparado para um golpe. Um dos motivos já apontado consistia na inoperância dos partidos e grupos sociais dominantes:

De forma geral, o esgotamento ou a imaturidade dos diversos grupos sociais ante a virada histórica que se perfila desde a crise de 1929 até a Segunda Guerra Mundial se manifestam na obsolescência, na caduquice e na inoperância dos partidos políticos tradicionais, desde a direita oligárquica (em parte liberal-conservadora, em parte fascistóide), passando pelas classes médias de um Partido Radicalista adormecido na ilusão de seu melhor passado, até a esquerda envelhecida, desadaptada e de costas para o novo país em gestação. (KAPLAN, p. 40)

Diante desse cenário, qual a única força capaz de assumir a Argentina nessas condições? O setor mais concentrado e poderoso das Forças Armadas, o Exército, se apresentava como um forte pretendente. Enquanto que durante toda a “década infame”, as Forças Armadas foram um sustentáculo do exército, no começo dos anos 1940 o aparato militar passou a ser uma expressividade política, sendo capaz de perceber o enfraquecimento político da oligarquia, a incapacidade do novo proletariado e ao mesmo tempo espalhar “ares do nacionalismo” por todo o país. Félix Luna ao perceber a audácia das Forças Armadas apontou:

Las Fuerzas Armadas observaban con atención lo que estaba pasando en Europa; veían con desdén esa politiquería deleznable del fraude y la hipocresía y conjugaban la idea de una ruptura purificadora, donde lo político estuviera ausente y hubiera otro tipo de valores superiores, de tipo jerárquico, que pudieran llevar a la Argentina a la posición que deseaban y

que el sistema democrático, con sus gabelas de fraude, violencia y corruptela política, aparentemente no podía alcanzar. (LUNA, 1995, p. 206)²

Cabe aqui salientar a consciência que as Forças Armadas vão tomando consciência da situação do país. A fraude, a violência e a corrupção – características do governo oligárquico – foram logo sentidas e repudiadas. O surgimento do GOU (Grupo de Oficiais Unidos)³, que reunia alguns coronéis e oficiais de baixa patente (entre eles Perón e Lanusse, futuros presidentes da Argentina) foi um dos grupos formados que durante esse processo mobilizava os oficiais e se organizava em guarnições. Esse grupo de oficiais era nacionalista e simpatizante do nazi-fascismo. Seu ideário era espelhado no modelo de organização política da Alemanha. Foi esse grupo que organizou a movimentação política que derrubaria mais uma vez o conservadorismo do país. O ambiente estava preparado para um golpe. Todos estavam na expectativa de que alguma coisa estava por acontecer. Em 4 de junho de 1943 o golpe veio a tona. Optamos por citar a narrativa do historiador Hernan Brienza, que descreve como foi o golpe de 1943:

En la madrugada de 4 de junio de 1943 se veía poco y nada. La espesa neblina disimulaba la inusual actividad que había en Campo de Mayo: camiones e baterías se encolumnaban, alba fría, al retumbar de gritos y órdenes metálicas. Unas seis mil siluetas de fajina tomaron posiciones y avanzaron. Se dirigían hacia la Casa de Gobierno y la residencia presidencial de Olivos. El objetivo, dar un golpe de Estado. Salvo el malentendido producido en la vieja avenida José Félix Uriburu-hoy Del Libertador-, frente a la Escuela de Mecánica de la Armada, no hubo resistencia al movimiento militar. Era el comienzo de un proceso que, entre 1943 y 1946, definiría un ajuste de cuentas con la tradición liberal y su crisis de acumulación económica. [...].⁴ (BRIENZA, 2006, p. 18)

² As Forças Armadas observavam com atenção o que estava passando na Europa; viam com desdém essa política desagregável de fraude e hipocrisia e conjugavam a ideia de uma ruptura purificadora, onde o político estivesse ausente e houvesse outro tipo de valores superiores, de tipo hierárquico, que pudessem levar a Argentina a posição que desejavam e que o sistema democrático, com seus desvios de fraude, violência e corrupção política, aparentemente não podia alcançar. (Tradução livre do autor)

³ O GOU é traduzido por alguns autores como Grupo Obra de Unificação.

⁴ Na madrugada de 4 de junho de 1943 se via quase nada. A densa neblina dissimulava a estranha atividade que havia no Campo de Maio: caminhões e baterias se enfileiravam, naquela manhã fria, ao retumbar de gritos e ordens metálicas. Umhas seis mil siluetas de fardas tomaram posição e avançaram. Elas se dirigiam a Casa de Governo e a residência presidencial de Olivos. O objetivo: dar um golpe de Estado. Fora o mal-entendido produzido na velha Avenida José Félix Uriburu-hoje Do

Enquanto o velho regime se arruinava, o clima de tensão tomou conta do país. Perón, a partir do GOU (Grupo de Oficiais Unidos) assumiu o cargo de Secretário do Trabalho

Mientras tanto, el presidente Ramón Castillo había resultado impotente para frenar la caída de la imagen de la Concordancia y el general Arturo Rawson tomaba posesión del gobierno, pero era casi inmediatamente reemplazado por el general Pedro Pablo Ramírez, ex-ministro de Guerra de Castillo y más afín al Grupo de Oficiales Unidos (GOU). (...) El GOU-sector al que pertenecía el general Juan Domingo Perón-se ubicaba en la segunda de estas opciones y, respecto de la situación nacional, se planteaba una línea de mayor apertura ante los problemas sociales.⁵ (BRIENZA, 2006, p. 18)

O golpe que teve um sentido puramente militar, logo recebeu oposição dos mais variados grupos: oligarquia conservadora, grande empresariado industrial, classe média intelectual, partidos políticos ilegais, entre eles o Partido Comunista e principalmente dos Estados Unidos que desconfiavam de um novo regime estreitamente pró-germânico em plena metade da Segunda Guerra Mundial. Vale lembrar também que a ideologia do GOU espelhava-se na Alemanha nazista, fator que gerou essa desconfiança norte-americana.

Nesse ínterim de isolamento, o coronel Juan Domingo Perón recebeu o Departamento de Trabalho e Previdência. Nessa Secretaria ele se destacou por sua capacidade profissional e pela amplitude de sua visão política. Dedicou-se a criar vínculos sindicais aproximando assim o Estado das massas populares. A opinião pública, motivada pela oposição⁶ não tardou a pressionar o governo pedindo a saída de Perón (LUNA, 1974). Perón não resistiu e acabou entregando o cargo sendo preso e enviado para uma ilha em Mar de Plata.

Libertador - em frente a Escola Mecânica da Armada, não houve resistência ao movimento militar. Era o começo de um processo que, entre 1943 e 1946, definiria um ajuste de contas com a tradição liberal e sua crise de acumulação econômica. (Tradução livre do autor)

⁵ Entretanto, o presidente Ramón Castillo foi impotente na tentativa de frear a queda da imagem da Concordância e o general Arturo Rawson tomava o poder do governo, mas era quase imediatamente substituído pelo general Pedro Pablo Ramírez, ex-ministro de Guerra de Castillo e mais a frente ao Grupo de Oficiais Unidos (GOU). (...) O GOU - setor que pertencia o general Juan Domingo Perón-se situava na segunda destas opções e a respeito da situação nacional, se traçava uma linha de maior abertura ante os problemas sociais. (Tradução livre do autor)

⁶ Entre os quais estavam os radicais, que viam em Perón um perigoso concorrente, os socialistas, temerosos pela crescente perda do domínio dos sindicatos, os conservadores, que detestavam as políticas sociais de Perón e também os comunistas

No dia 17 de outubro de 1945 algo sem precedentes na história do país aconteceu: uma multidão se concentrou na Plaza de Mayo exigindo o retorno do coronel. Milhares de milhares de pobres e trabalhadores saíram das periferias de Buenos Aires e demais Províncias e chegaram a Praça gritando o nome de Perón. A polícia tentou inicialmente barrar a multidão, mas ciente da impossibilidade de tal ação acabou cedendo. O povo queria Perón, estava disposto a ouvir apenas Perón. E Perón foi o nome que saiu da boca da multidão por horas, até que ele se apresentou na sacada da Casa e discursou. Vale destacar que a CGT havia organizado uma greve geral para o dia 18 de outubro a fim de exigir a liberação de Perón, mas foi surpreendida pela atitude dos trabalhadores que foram a Praça aclamar Perón.

Mas será que essa “epopéia” do 17 de outubro corresponde mesmo a uma ligação da massa trabalhadora com o coronel Perón? Para Milcíades Peña as massas foram levadas a rua por uma “força da ordem” (PEÑA, p. 53), ou seja, foram “empurrados” pela polícia e demais setores objetivando o retorno de Perón. Um movimento desse tipo, segundo Peña, não foi uma mobilização da classe trabalhadora, nem por seus métodos, nem por seus objetivos. Tratava-se, na verdade, de um candidato burguês usando sua força política e convencendo a massa. Em outras palavras: o movimento não foi significativo para os trabalhadores porque permitiu a continuidade da ordem social dominante.

Entretanto, é nesse momento histórico que se iniciou uma relação intrínseca entre Perón e o povo argentino. Para muito além de um mero carisma, o futuro presidente argentino organizou uma forma de liderança política que o permitiu obter, acumular, concentrar e manter poder. Esses recursos políticos foram conquistados através de alianças partidárias, bem como pela sua capacidade de dirigir as massas populares. Portanto, como aponta Maria Matilde Ollier, o coronel reuniu “[...] poderosos recursos que le permitieron organizar de un dispositivo de poder [...] que terminó trascendiendo su persona pues llevó al peronismo a sobrevivirlo com êxito”.⁷ (OLLIER, *ap* PRADO, p. 63-64)

⁷ Poderosos recursos que o permitiram organizar de um dispositivo de poder [...] que terminou transcendendo sua pessoa, pois levou o peronismo a sobreviver com êxito. (Tradução livre do autor)

Não poderia deixar de encerrar esse assunto sem citar o comentário de Félix Luna sobre o 17 de Outubro de 1945:

Foi, sem duvida alguma, o dia mais importante de nossa história contemporânea, porque assinalou a falência dos partidos tradicionais e dos fatores de poder vigentes até então, para exaltar um elemento que todos sempre invocaram, as sem existir como fato físico concreto: a massa, o simples povo, o homem comum que rompeu os esquemas de seus dirigentes, até dos mais respeitáveis para impor sua vontade. (LUNA, 1974, p. 25)

A partir desse momento o 17 de outubro foi decretado como feriado nacional, permanecendo até hoje.

A ala tradicional assistiu boquiaberta e surpresa esta crise inesperada. Por isso, as velhas disputas políticas foram deixadas de lado e os partidos se uniram numa tentativa de conter o forte avanço de Perón. A União Cívica Radical (UCR), o Partido Socialista (PS), o Partido Comunista (PC), os conservadores e outros partidos deixaram de lado as velhas desavenças e uniram-se num bloco chamado União Democrática. A embaixada norte-americana foi a grande patrocinadora dessa coalizão. A conhecida e grandiosa Confederação Geral do Trabalho (CGT), que reunia a maioria esmagadora dos sindicatos esteve indecisa até momentos antes do 17 de outubro. Com o resultado do movimento, a CGT não tardou a se postar ao lado de Perón. Em uma verdadeira crise nacional o país cindiu-se em dois. A vitória esmagadora de Perón nas eleições, como veremos adiante foi, “[...]uma consequência da prévia vitória obtida nas ruas pelo operariado contra a mobilização ‘ianque-democrática’.[...]” (COGGIOLA; BILSKY, 1999, p.101)

1.1 A ARGENTINA NO PRIMEIRO GOVERNO DE PERÓN (1945-1955)

Enquanto secretário do Trabalho e da Previdência, Perón procurou organizar os setores trabalhadores da cidade e do campo, como premissa para depois exercer sua manipulação política. Logo depois do 17 de outubro foi eleito vice-presidente da República e no dia 24 de fevereiro de 1946 assumiu à presidência, mesmo sofrendo enorme oposição do imperialismo norte-americano, que tinha na figura de seu

embaixador na Argentina -Spruille Braden- a representação máxima do antagonismo norte-americano à política peronista.

Se a União Democrática era uma heterogeneidade de partidos, a espinha dorsal do apoio a Perón foi o movimento sindical, que ao aglutinar seus principais líderes formou o Partido Laborista (PL). Alguns dissidentes da UCR (União Cívica Radical) também apoiaram o futuro presidente. Apoiado pelo PL e outros segmentos políticos Perón venceu as eleições e obteve sucesso em outros setores da política nacional, já que dominou dois terços da Câmara dos Deputados, a maioria das cadeiras do Senado e treze das quatorze províncias. Esse apoio recebido dos governantes, senadores e deputados foi fundamental para a concretização de sua política.

No dia 4 de junho de 1946 foi empossado presidente da República. Sua vitória se deu por mais de 300 mil votos de diferença para com o adversário radical que representava a velha Argentina tradicional, conservadora e oligárquica. Perón teve 52% dos votos contra 48% da União Democrática e surgiu como a grande esperança de renovação para uma Argentina que até então era assombrada pelo fantasma do conservadorismo e que via no coronel Perón lampejos de renovação.

Após sua vitória, o então presidente fundiu as forças políticas que o seguiam em apenas um partido, o Partido Único da Revolução Nacional, que dois anos depois, em 1947, deu origem ao Partido Peronista. Dessa forma todo o movimento sindical, inclusive a CGT ficou sobre a tutela do novo partido, o que equivalia dizer total subordinação a Perón.

Qual o temor dos norte-americanos em relação a Perón? Em plena Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos temia um Perón nazista, por isso não tardaram em fazer oposição as suas propostas e posteriormente ao seu governo. Contudo, a demagogia de Perón, aliadas a outros fatores já citados, ganhou.

Em um discurso realizado no dia doze de fevereiro, doze dias antes das eleições, Perón criticou de forma arrasadora o embaixador norte-americano, acusando-o de ser o principal organizador da oposição, então chamada de União Democrática (da qual o Partido Comunista Argentino fazia parte) e conclamou o povo às urnas com o seguinte discurso: “[...] La Argentina necesita la aportacion de esta sangre juvenil de la classe obrera. Esta sangre nueva la aporta nuestro movimiento; esta sangre hara salir

de las urnas el día 24 de este mês esta nueva Argentina que anhelamos. [...]” (PERÓN, *ap.* PEÑA, p. 90)⁸. E mais adiante acrescenta:

Ahora yo pregunto: para qué quiere el señor Braden contar en la Argentina con un gobierno adicto y obsecuente? Es caso porque pretende repetir en nuestro país su fracasada intentona de Cuba, en dónde como es público y notório, quiso herir de muerte la industria azucarera y llegó incluso a amenazar y a coaccionar la prensa libre que lo denunciaba?⁹ (PERÓN. *ap.* PEÑA, p. 91)

O lema de Perón era: “o Braden o Perón”. Perón venceu.

Personagem de extrema importância para o peronismo foi a sua esposa: Eva Duarte Perón, também conhecida como Evita. Obviamente o espaço aqui destinado para o estudo dessa personagem argentina é pequeno, contudo, é impossível falar no peronismo e não mencionar Evita. Totalmente odiada pela burguesia, que a considerava uma plebeia, Evita foi a “mãe” de milhares de descamisados¹⁰. O povo amava Evita, sendo ela a representação máxima da política peronista: paternalismo e aproximação com o povo. O historiador marxista Milcíades Peña assim explica o culto a sua personalidade:

Artista de radioteatro y cine, poco cotizada y muy de segundo plano, vinculada a militares de alta graduación, en 1943 Eva Duarte se ganaba la vida como podía, con su escaso arte, su mucha belleza y su desbordante audacia. En 1947, era la primera dama de la nación. “Abanderada de los humildes”, sus bienes personales- entre joyas, modelos parisinos, acciones y depósitos en bancos extranjeros- sumaban cuantiosos millones de pesos, y se la recibía en las cortes y gobiernos de Europa- sin excluir a la corte papal, que llenó de condecoraciones y bendiciones a esta moderna Magdalena. En 1952, cuando murrió, el país se paralizó y se agotaron las flores. [...]. En las

⁸ A Argentina necessita da contribuição do sangue juvenil da classe trabalhadora. Esse sangue novo contribui com nosso movimento; este sangue fará sair das urnas no dia 24 desse mês uma nova Argentina que desejamos. (Tradução livre do autor)

⁹ Agora eu pergunto: para que quer o senhor Braden contar na Argentina com um governo viciado e obsequente? Não é porque pretende repetir em nosso país sua fracassada intentona de Cuba, onde, como é público e notório, quis ferir de morte a indústria açucareira e chegou inclusive a ameaçar coagir a imprensa livre que o denunciava? (Tradução livre do autor)

¹⁰ O termo descamisado foi utilizado pelo peronismo, no final de 1945, para referir-se a trabalhador e simpatizante do movimento. A palavra parece ter surgido no dia 17 de outubro de 1945, quando várias pessoas tiraram suas camisas devido ao calor do dia. A expressão foi utilizada inicialmente pelos antiperonistas, mas depois foi aceita pelo movimento. Para Eva Perón descamisado era: “o que sente pelo povo (...) que ama, sofre e goza como povo mesmo que não se vista como povo. Descamisado é o que esteve na Praça de Maio no 17 de Outubro, ou quis estar. Descamisado é o povo, culturalmente inferior, que aceita com honra, essa inferioridade, porque, no fundo, se sente forte por meio do seu líder (...)” (PERÓN, *ap.* CAPELATO, 1998, p. 55).

escuelas los niños abren el libro de lectura y leen: “Evita. Evita ama a los nenes. Los nenes y las nenas aman a Eva. Viva Evita! Viva! Viva! (PEÑA, p. 70)¹¹

O historiador argentino Félix Luna também reconhece em Eva Perón algumas características que a tornaram representação máxima da política peronista. Segundo ele:

Eva Perón se encarregou essencialmente de duas atividades, às quais imprimiu sua marca: assistência social aos setores mais desamparados da população e as relações com os sindicatos. A primeira tarefa foi institucionalizada com a criação da Fundação Eva Perón, cuja ação logo se espalhou por todo o país de maneira bastante arbritaria, mas preenchendo, indiscutivelmente, dolorosas necessidades individuais, sobretudo em relação a velhos e crianças: receber um brinquedo “da parte de Evita ou uma ordem para ser atendido num hospital, começou a integrar a mitologia da época. (LUNA, 1974, p. 48)

Depois do estudo sobre vitória eleitoral de Perón e da breve análise de Eva Perón, enfatizaremos a situação argentina no governo peronista, dando ênfase a posição tomada pelo Partido Comunista Argentino.

A história da esquerda na Argentina está vinculada diretamente ao Partido Comunista. O marxismo foi introduzido na América Latina por imigrantes alemães, italianos e espanhóis no final do século XIX. O Partido Socialista Argentino foi fundado em 1895, inspirado pela II Internacional, e teve na figura de Juan B. Justo (1865-1928) seu principal representante.

No fim da década de 1920 surgiu um novo tipo de líder¹², dessa vez sujeito ao Comitern de Stálin, sendo um dos primeiros desse grupo, o argentino Vittorio

¹¹ Artista de radioteatro e cinema, pouco cotizada e sempre de segundo plano, vinculada a militares de alta patente, em 1943, Eva Duarte ganhava a vida como podia, com sua escassa arte, sua muita beleza e sua transbordante audácia. Em 1947, era a primeira dama da nação. “Porta-bandeira dos humildes, seus bens pessoais- entre jóias, modelos parisienses, ações e depósitos em bancos estrangeiros- somavam grandes quantidades de pesos, e á recebiam nas cortes e governos da Europa- sem excluir a corte papal, que encheu de condecorações e bênçãos a esta moderna Madalena. Em 1952, quando morreu, o país paralisou-se durante uma semana e se esgotaram as flores [...]. Nas escolas as crianças abrem o livro de leitura e lêem: “Evita. Evita ama as crianças. Os meninos e meninas amam Eva. Viva Evita! Viva! Viva! (Tradução livre do autor)

¹² Inúmeras figuras representando a esquerda se levantaram em toda a América Latina, entre os quais citamos: Julio Antonio Mella (1903-1929) que participou da fundação do PC cubano em 1925, mas acabou exilado e morto no México com apenas 26 anos; José Carlos Mariátegui (1894-1930), um dos pensadores mais originais e vigorosos da América Latina, fundador da Revista *Amauta* no Peru e publicador de diversos textos literários e políticos- Breton, Gorki, Lenin, Marx, Rosa Luxemburg, Romain Rolland, Ernest Toller, Leon Trotski-(LÖWY, p. 17), além de escrever diversos livros e ser o

Codovilla (1894-1970), que imigrou da Itália em 1912 e foi um dos fundadores do Partido Socialista Internacional na Argentina que depois se transformou no Partido Comunista Argentino, seção da III Internacional. O Partido Comunista Argentino solidarizava-se com a liderança do Partido Comunista da União Soviética e por consequência condenava o trotskismo. Juntamente com demais representantes do PC argentino, Codovilla apresentou em 1929, na primeira Conferência Comunista Latino-Americana em Buenos Aires um relatório intitulado: “A situação internacional, a América Latina e o risco de guerra”, em que apontou a solução para a América Latina: uma revolução democrático-burguesa que deveria ser realizada por etapas até chegar à Revolução Comunista. As palavras do historiador brasileiro Michael Löwy dão conta de relacionar os Partidos Comunistas da América Latina com o Comintern:

Em 1936, o processo de stalinização dos partidos comunistas, que se desenvolvera de maneira desigual e contraditória desde o final da década de 1920, estava cristalizado e completo. Com o Stalinismo queremos designar a criação, em cada partido, de um aparelho dirigente- hierárquico, burocrático e autoritário-intimamente ligado, do ponto de vista orgânico, político e ideológico, à liderança soviética e que seguia fielmente todas as mudanças de sua orientação internacional. O resultado desse processo foi a adoção da doutrina da revolução por etapas e do bloco de quatro classes (o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia e a burguesia nacional) como fundamento da sua prática política, cujo objetivo era a concretização da etapa nacional-democrática (ou antiimperialista ou antifeudal). Essa foi uma doutrina elaborada por Stálin e aplicada na China, e, mais tarde, generalizada para todos os países coloniais ou semicoloniais (inclusive, é claro, a América Latina). Seu ponto de partida metodológico é uma interpretação economicista do marxismo, já encontrada em Plekhanov e nos mencheviques: em um país semifeudal e economicamente atrasado, as condições não estão “amadurecidas” para uma revolução socialista. (LÖWY, p. 27)

Portanto, desprezando as realidades específicas de cada região e país, os Partidos Comunistas da América Latina usaram o modelo do PC soviético, tentando assim realizar a revolução por etapas. Desorientados, os PCs latino-americanos, especialmente o argentino, ficaram na contracorrente dos eventos, perdendo o rumo.

fundador do jornal Labor, em 1928, e da CGPT (Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos), em 1929 (LÖWY, p. 18). Mella e Mariatégui são exemplos de revolucionários que possuíam pensamento independente, ou seja, não estavam diretamente subordinados a Internacional Comunista.

Dessa forma não é de estranhar que o PC argentino aliou-se ao imperialismo norte-americano no combate a Perón. Acreditando ser Perón um fascista, desistiram da hipótese de organizar uma chapa própria e aliaram-se a União Democrática. A consequência dessa união do PC com os demais partidos conservadores e tradicionais ocasionou:

[...] uma nítida divisão entre a maioria da classe trabalhadora argentina, que apoiava o peronismo, e os comunistas que foram acusados por Perón de colaborar com os militares e com a porção mais conservadora dos proprietários de terras (“a oligarquia”) [...]. (LÖWY, p. 32)

A esquerda argentina, portanto, nunca foi homogênea em seu pensamento. Ora revolucionário, ora conservador, o Partido Comunista da Argentina, observou no decorrer de sua existência inúmeras rupturas. Muitos componentes saíram do PC argentino para fundarem outros partidos. Outros, como é o caso de Sívlio Frondizi e Milcíades Peña, criaram partidos independentes que além de fazerem oposição ao governo peronista foram instrumentos de críticas as decisões do PC argentino. Rupturas foram ocorrendo com o tempo, debates em torno da estrutura econômica da Argentina serviram apenas para acirrar as discordâncias e posteriormente os desligamentos do PC argentino. Era a Argentina feudal? Estava ela preparada para a Revolução? Quais as medidas a serem tomadas? Essas perguntas tiveram um forte impacto no pensamento da esquerda argentina durante a metade do século XX. Alguns teóricos comunistas como o já citado secretário do partido, Victorio Codovilla¹³ e Rodolfo Puiggrós¹⁴ foram duramente criticados por teóricos da esquerda mais radical

¹³ Victorio Codovilla nasceu na Itália em 1894. Depois de aderir ao partido Socialista Italiano emigrou para a Argentina em 1912. Foi um dos fundadores do Partido Comunista da Argentina, influenciado pelo stalinismo então vigente em quase todos os partidos comunistas do mundo. Viajou para Moscou onde estreitou seus laços com o Kremlin, tornando-se homem de confiança do Partido Comunista Russo. Contribuiu com inúmeras obras e artigos nos quais estudou a situação argentina. (Extraído de <http://www.fcde.es/site/es/libros/detalleslibro.asp?IDL=6464>. Acesso em: 29 ago.2011)

¹⁴ Nasceu em Buenos Aires em 1906 e morreu em Cuba em 1980. Visitou Moscou no ano de 1926 e dois anos depois se filiou ao Partido Comunista. Participou então como conferencista da AIAPE (Associação de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores). Foi também o fundador dos jornais *Brújula* e *El Norte* e da revista *Argumentos*. Ao ser expulso do Partido Comunista, em 1947, devido a sua postura de apoio crítico ao peronismo fundou o Movimento Obrero Comunista vinculado ao peronismo e perseguido depois da Revolução Libertadora. Enquanto líder desse movimento liderou mais uma publicação de jornal, nesse caso o *Classe Obrera*. Sua produção compreende numerosos livros e artigos sobre a história da Argentina. Com o retorno de Perón, Puiggrós foi nomeado reitor da

que consideravam a Argentina não um país feudal e sim um país submisso ao capitalismo colonial.

As esquerdas, portanto, faziam leituras contraditórias do momento político pelo qual passava o país. As críticas das esquerdas ao governo peronista se intensificaram, principalmente quando a Grã Bretanha, extremamente afetada pela guerra diminuiu sua influência na Argentina. Em contrapartida os capitais norte-americanos afluíam no país. Empresas britânicas foram nacionalizadas, começando pelo Banco Central em 1946 e logo depois as ferrovias também foram estatizadas. O plano de Perón consistia em alcançar uma independência econômica jamais vista na história do país. Para tanto, além de estatizar as grandes empresas estrangeiras, como já foi apontado anteriormente, inúmeras indústrias estatais foram criadas, em especial aquelas que estariam vinculadas a indústria bélica, de navegação e aviação.

Dessa forma, cabem aqui algumas perguntas iniciais: que classe social representava Perón? Quem eram os grandes beneficiados pelo seu governo? Perón era muito astuto e possuía uma perspicácia e inteligência política que faltava nos representantes dos partidos tradicionais e conservadores. Sua política defendia os interesses da grande burguesia agroindustrial, mas mantinha essa burguesia sobre controle, limitando a sua força política e por conseqüência sua independência. Dessa forma, seu plano de governo beneficiava os grupos superiores e as elites econômicas, porém estava mascarada no auxílio para com os trabalhadores, como veremos adiante.

Os primeiros anos do governo peronista foram marcados por um clima de euforia, afinal a Segunda Guerra Mundial estava por acabar e havia muitas bocas na Europa para alimentar. Isso significava aumento das exportações e por conseqüência aumento da renda dos trabalhadores argentinos. A Argentina passou por alguns anos de paz social, principalmente no primeiro mandato de Perón (1946-1952) que serviram para confirmar o peronismo no poder, dando-lhe crédito diante da massa do povo que não tinha ainda nenhum representante comunista no poder, já que o Partido Comunista Argentino estava envolvido com a burguesia radical e os demais partidos revolucionários não possuíam voz nem poder.

Em sua relação com o povo, o peronismo se caracterizou pela defesa, ou tentativa de defesa dos direitos sociais, política que ficou conhecida como justicialismo. Uma efetiva ação estatal procurou melhorar a vida dos trabalhadores e de suas famílias. Para tanto o governo investiu pesado na construção de hospitais, na universalização do ensino público gratuito, construiu novos bairros, combateu as endemias reduzindo a taxa de mortalidade. Se o ano de 1948 fosse comparado com o de 1943 seria possível perceber que houve um crescimento médio salarial de 30%. A legislação do trabalho não tardou a assegurar melhorias aos trabalhadores, entre elas: férias obrigatórias e pagas, indenização por acidentes de trabalho, entre outros. Segundo o professor José Beired, a previdência que em 1943 cobria apenas 500 mil trabalhadores, em 1951 passou a cobrir 5 milhões de pessoas (BEIRED, p.57). Esses números foram significativos, pois confirmaram a intrínseca relação de Perón com o povo além de servir como arma propagandista. O povo realmente viveu um período de paz e prosperidade social.

No aspecto econômico, a indústria leve do país, durante o governo de Perón foi a grande beneficiada já que:

Passou de cerca de 85.000 estabelecimentos, em 1946, a cerca de 145.000, em 1954, mas com um material humano quase invariável de um milhão de operários, base política do peronismo. Este crescimento aumentava a vulnerabilidade do país, como já se disse, porquanto reclamava mais matérias-primas, mais aço, mais combustível, mais energia, exigências que consumiam tremendamente nossa balança comercial e nos colocavam numa dependência externa cada vez maior. (LUNA, 1974, p. 58)

Mas quais os fatores que permitiram esse rápido sucesso de Perón? Para Marcos Kaplan o sucesso inicial de sua doutrina foi fruto do culto prestado a sua personalidade e também do controle que por ele foi feito sobre os meios de comunicação. Estes por sua vez serviam para defender seu governo, sendo que a imprensa opositora foi rapidamente isolada e eliminada. Basta lembrar quando da morte de Eva Perón as rádios de todo o país ficaram um bom tempo lembrando suas ações e todos os dias as 20 horas e 25 minutos entrava um voz no ar dizendo: “Eva Perón entrou na imortalidade” (PEÑA, p. 70). A imprensa foi, portanto, quase na sua totalidade, manipulada. Ao falar sobre a oposição Félix Luna escreve:

Los partidos políticos llevaban una vida activa pero llena de presiones, de persecuciones, de riegos incluso. Las campañas electorales no eran fáciles, no había acceso a ningún radio, prácticamente existían solo dos diarios independientes de significación nacional, *La Nación* y *La Prensa*, y esta última fue silenciada en 1951, cuando bajo un pretexto sindical se la clausuró y, finalmente, el gobierno la expropió para entregarla a la CGT. La propaganda y la publicidad eran manejadas por un organismo dependiente del Estado, que alcanzó gran perfección en el sentido de no dejar filtrar una noticia o comentario que pudiese ser desagradable para el gobierno. (LUNA, 1995, p. 229)¹⁵

Para Milciades Peña, Perón possuía uma forte e poderosa arma: a propaganda política. Perón estava em todas as partes. Seu rosto podia aparecer em um estádio, em um ônibus, em uma praça, em uma esquina, em um prédio:

Al lado de cada árbol plantado en cualquier plaza, junto a todo baño público recién pintado, una cartelera gigante recuerda que “Perón cumple”. El rostro de Perón es el obligado primer plano, plano médio y plano alejado de todo noticioso cinematográfico. Minuto a minuto, los locutores deportivos martillan el éter recordando que “Perón apoya al deporte”. Y cuando los locutores terminan, el campeón de box, o el de automovilismo o el forward más goleador, se acercan fatigados al micrófono para dedicar a Perón sus triunfos, sus récords o sus goles.¹⁶ (PEÑA, p. 66)

Maria Helena Capelato em seu livro *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo* afirma que a propaganda tinha como objetivo principal “conquistar corações e mentes” (CAPELATO, p. 19). Essa conquista foi imposta pelo peronismo, por meio do rádio, dos jornais e outros meios de comunicação. Monopolizando a mídia, o Estado procurou eliminar toda contrapropaganda dos opositores. Qual o objetivo de Perón ao investir pesadamente na propaganda? Para Capelato, a propaganda política possui a capacidade de “exaltar as sensibilidades e

¹⁵ Os partidos políticos levavam uma vida política ativa, mas cheia de pressões, de perseguições e até de riscos. As campanhas eleitorais não eram fáceis, não havia acesso a nenhum rádio, praticamente existiam apenas dois jornais independentes e de significação nacional, *La Nación* e *La Prensa*, e este último foi silenciado em 1951, quando debaixo de um pretexto sindical foi censurado e, finalmente, o governo expropriou-o para entregar a CGT. A propaganda e a publicidade eram manejadas por um organismo dependente do Estado, que alcançou grande perfeição no sentido de não deixar filtrar uma notícia ou comentário que pudesse ser desagradável ao governo. (Tradução livre do autor)

¹⁶ Ao lado de cada árvore, plantada em qualquer praça, junto a todo banheiro público recém pintado, um cartaz gigante lembra que “Perón cumple”. O rosto de Perón aparece sempre em primeiro plano, segundo plano e terceiro plano de todo noticiário cinematográfico. Minuto a minuto, os locutores esportivos martelam o éter recordando que “Perón apóia os esportes”. E quando os locutores terminam, o campeão de box, o de automobilismo, o jogador mais goleador, se acercam fatigados ao microfone para dedicar a Perón seus triunfos, seus records, seus gols. (Tradução livre do autor)

provocar paixões”. Diante disso, nada melhor, na visão de Perón, do que despertar na consciência do povo trabalhador que ele era um “herói” e que sua política de cunho social elevava a Argentina às condições astronômicas se comparada aos outros países. Assim, iniciou-se uma relação intrínseca entre o povo e Perón, este último idolatrado como um salvador. A propaganda apregoava fortemente que os tempos de “antes”, o período oligárquico foi um governo injusto e para poucos. O “agora” era promissor. As esperanças reacenderam no coração dos argentinos, despertando “paixões e sentimentos” positivos para com o líder.

Esse “contato” entre o povo e Perón contribuiu para que em torno de sua figura girasse o mito:

Nas políticas de massas as potencialidades dramáticas são mais fortes e o mito da unidade ligado à imagem do líder torna o cenário da teatralização especialmente adequado ao convencimento. (CAPELATO, p. 37)

Assim, de maneira geral, Perón foi controlando os meios propagandísticos. Esse controle caracterizou-se pela realização de uma propaganda que representava Perón como um “pai”, o chefe da nação. O povo argentino aprovou as medidas políticas do justicialismo, algumas apontadas anteriormente, e passou a apoiar o presidente, criando vínculos profundos.

Dessa forma, a prosperidade do início do governo de Perón foi marcada pelo pleno emprego, a alta demanda de aumentos de salários, manipulação dos sindicatos estatizados e concessões efetivas a alguns setores importantes das massas que permitiu criar e manter um certo nível de “paz social” que, como veremos adiante, não durou muito tempo. Fato é que o peronismo, aliado aos demais fatores históricos econômicos já citados, melhorou as condições de vida dos trabalhadores, principalmente até o ano de 1949. A oligarquia e o imperialismo inglês foram (aparentemente) ferozmente combatidos e o povo passou a ser exaltado. A oposição não foi de todo suprimida, mas foi fortemente restringida e perseguida, como exposto por Luna. O radicalismo mesmo enfraquecido com o resultado das eleições não estava de todo destruído e tinha ainda alguns personagens fortes no cenário nacional, como é o caso do deputado eleito e futuro presidente da Argentina, Arturo Frondizi.

As universidades eram dirigidas por interventores que não tardaram em expulsar professores que discordassem do peronismo. Dentre tantos docentes que

sofreram a perda de cadeiras nas universidades se encontra o professor da Universidad de Tucumán, Sívio Frondizi, objeto de estudo dessa pesquisa monográfica.

Mesmo sendo reprimida e perseguida a oposição tinha consciência de que o infortúnio do governo peronista iria acabar em 1952, quando novas eleições seriam convocadas e o atual presidente não poderia ser reeleito, fato prescrito na Constituição de 1853. A proposta de mudança da Constituição foi apresentada a Perón pelos seus correligionários, mas foi inicialmente repudiada pelo então presidente. A notícia de que o presidente mantinha seu ponto de vista caiu como um raio do céu nos meios peronistas. Mas aqui entra novamente a figura de Eva Perón que ao tomar consciência da escolha de Perón:

[...] fez recuar o projeto, obteve de seu marido a autorização e ordenou aos constituintes do bloco majoritário que a apoiassem, sem que ninguém se achesse a resistir. Em poucas horas, o país voltou à realidade: Perón seria presidente até 1958, pelo menos...! (LUNA, 1974, p. 51)

A euforia do *boom* pós-guerra, contudo, dissimulava-se sobre uma máscara de Planos Quinquenais que não passavam de projetos impossíveis de serem realizados, servindo apenas como arma propagandística de seu governo. Sem dúvida, o governo peronista não modificou a estrutura socioeconômica do país, já que carecia de estratégias concretas de transformações e a crise não tardou a aparecer.

A Europa no começo da década de 1950 estava se recuperando da Guerra que afetara todos os países do continente e a Argentina como os demais países da América Latina não tardaram a sentir os efeitos dessa recuperação. Uma seca, aliada a superprodução anterior contribuiu para a queda na balança comercial, gerando uma inflação que atingiu a classe média tanto do campo quanto da cidade. Uma grande frente antiperonista começou a se formar, criando ares de crise. Essa conjuntura política era observada de maneira diferente pelos diversos setores presente no jogo, entre os quais citamos: grupos britânicos, que temiam a consolidação do imperialismo inglês; grupos norte-americanos, que desconfiavam do populismo aventureiro de Perón voltado para as massas; grande burguesia agroindustrial que também temia o perigo das massas e por último as classes médias que se sentiam afetadas pela inflação e altos impostos. A consequência desses temores gerou um clima de insegurança no qual

adicionou-se a decaída da personalidade de Perón evidenciada na sua perda de energia, nas confusões de suas decisões e nas fraquezas de suas atitudes.

O peronismo só permaneceu de pé mais algum tempo pela inconsistência da oposição e apoio que recebia das massas, do Exército e da Igreja. Em breve, contudo, esse apoio desapareceu, já que as massas também foram afetadas pela crise e o exército foi cada vez mais pressionado pelas pressões dos grupos sociais. O estouro da crise aconteceu quando Perón entrou em conflito com a Igreja ao acusar bispos e sacerdotes de sabotarem seus planos e metas. As forças golpistas, portanto, ganharam mais um poderoso aliado em 1955: a Igreja. Formou-se um partido democrático-cristão e a Igreja assumiu a liderança ideológica, sendo a principal agitadora da conspiração. A crise da relação entre o Perón e a Igreja se deu na medida em que os aspectos populistas e demagógicos do peronismo entraram em choque com os interesses da Igreja. Mais uma vez recorremos ao historiador Felix Luna:

El gobierno peronista acentuó su ofensiva y en los últimos días de diciembre de 1954 el Congreso aprobó una ley que derogaba la de enseñanza religiosa obligatoria; otra, autorizando la apertura de prostíbulos; otra, retirando todo apoyo o subsidio a los institutos de enseñanza privado-religiosos, por lo no general- y finalmente una cuarta ley, que establecía el divorcio. (LUNA, 1995, p. 251)¹⁷

Com a efetivação dessas propostas o Papa Pio XII excomungou Perón. Independente disso o presidente tentou até o último momento manter a ordem na cidade com o lema: “De casa para o trabalho e do trabalho para casa”. Mas a crise era eminente.

Mesmo com as inúmeras agitações, focadas principalmente na capital Buenos Aires, Perón conseguiu reunir seus aliados e numa concentração na Praça de Maio afirmou que “[...] por cada um dos nossos cairão cinco deles. Os trabalhadores cantam “cinco por um não vai ficar nenhum” [...]. (COGGIOLA; BILSKY, p.120). A CGT

¹⁷ O governo peronista acentuou sua ofensiva e nos últimos dias de dezembro de 1954 o Congresso aprovou uma lei que anulava o ensino religioso obrigatório; outra, autorizando a abertura de prostíbulos; outra retirando todo apoio ou subsidio dos institutos de ensinamento privado-religiosos em geral-e finalmente uma quarta lei que estabelecia o divórcio. (Tradução livre do autor)

tentou desesperadamente organizar “milícias operárias”, mas já era tarde demais e o primeiro ciclo peronista estava chegando ao fim.

As palavras de Marcos Kaplan dão conta de expressar os últimos momentos do primeiro período peronista no poder:

Em 16 de junho de 1955 fracassa uma primeira tentativa, que consegue bombardear o Palácio do Governo e a Praça de Maio de Buenos Aires com efetivos de aviação, causando um considerável número de mortes. O exército salva momentaneamente Perón, mas rompe o equilíbrio em seu próprio favor, converte o governo em seu prisioneiro, obriga o presidente a diminuir os controles sobre a vida política. Uma última tentativa de Perón para recuperar a iniciativa e o controle, ameaçadora para seus opositores, desencadeia o segundo levantamento. No dia 16 de setembro de 1955 surge um foco revolucionário militar na cidade de Córdoba, poucos dias depois apoiado pela marinha de guerra, Perón conserva ainda o aparato militar e repressivo, mas nega-se energicamente a usá-lo, assim como se nega a mobilizar suas próprias bases operárias e populares. Entrega-se sem luta e parte rumo a um exílio tranqüilo e opulento, oferecido sucessivamente por ditadores que gozam da simpatia e do apoio dos Estados Unidos: Stroessner do Paraguai; Trujillo da República Dominicana; Franco da Espanha. (KAPLAN, p. 50)

No dia seguinte ao golpe a classe operária assistiu aterrorizada o general Lombardi assumir o comando da nação. Algumas mobilizações contra o golpe ocorreram em alguns bairros periféricos, mas foram rapidamente reprimidas. Já não havia mais escapatória ao povo. Um novo governo se iniciava, para muitos uma nova era, para outros o fim de um período de prosperidade. Mas para o povo que apoiava Perón era o fim da verdadeira democracia.

O fim do primeiro governo peronista foi descrito por Félix Luna no seu livro *Argentina: de Perón a Lanusse*:

Perón ia embora. E deixava para seu país um saldo que pode ser discutido em muitos aspectos, mas que incluía, inegavelmente, o reconhecimento da Justiça Social como um valor incorporado definitivamente à consciência nacional, um sentido de vida coletiva mais igualitário e digno, e um caminho para a independência econômica que, embora tivesse sofrido contramarchas, permanecia aberto como uma vocação já irrenunciável no destino do país. E nos terrenos dos fatos concretos deixava a classe operária com uma clara idéia de seu poder, organizada em poderosos sindicatos comprometidos, evidentemente, com os interesses de seus integrantes, mas apta e experimentada que não permitiria o retrocesso do país à economia pastoril. (LUNA, 1974, p. 51)

De maneira geral a história da Argentina no século XX apresenta uma variedade de acontecimentos que recebem também uma variedade de interpretações por parte dos historiadores. Fato é que nos primeiros anos do século XX a Argentina foi comandada por uma oligarquia parasitária derrubada do poder pelo movimento da União Cívica Radical no ano de 1916. Quinze anos depois essa mesma oligarquia, agora apoiada pelo exército e outros setores, assumiu o poder novamente permanecendo até o ano de 1943 quando a “Revolução Libertadora” destituiu novamente a velha classe. A burguesia industrial e rural viveu momentos de oscilação ora aliando-se a oligarquia, ora ao radicalismo. O peronismo apareceu como uma esperança no coração dos argentinos, especialmente dos trabalhadores e das massas populares. Mas o justicialismo (nome dado ao conjunto de doutrinas peronistas) também não aplicou as transformações necessárias na estrutura política do país.

O peronismo foi talvez o fenômeno mais debatido nos círculos historiográficos da Argentina do século XX, especialmente das esquerdas, entre as quais se encontravam o Partido Comunista, o Partido Socialista e outros partidos de menor expressividade política. Dentre tantos intelectuais que se dedicaram a debater a política e as propostas peronistas encontramos Sílvio Frondizi, irmão do futuro presidente da Argentina, Arturo Frondizi (1958-1962), empossado anos depois da queda do coronel. A leitura que Sílvio Frondizi fez do peronismo foi por muitos anos desprezada pelos círculos de esquerdas, mas aparece nos próximos capítulos com interessantes argumentos propostos pelo franco-atirador marxista. Distanciando-se dos círculos e das interpretações da esquerda argentina, Frondizi apresenta discursos que expressam um vasto conhecimento da estrutura de seu país, como também articula propostas para uma renovação política. Estudar sua trajetória, bem como suas obras é o objetivo que do próximo capítulo.

2. SÍLVIO FRONDIZI E A HISTÓRIA POLÍTICA ARGENTINA

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro. (Fernando Sabino)

2.1 A VIDA E A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE SÍLVIO FRONDIZI (1907-1974)

Silvio Frondizi nasceu em 19 de fevereiro de 1907, na Província de Corrientes. Foi o décimo segundo filho dos quatorze gerados por Júlio e Isabel, imigrantes italianos estabelecidos na Argentina. As leituras de Voltaire, feitas pelo pai, suas críticas veementes à Igreja, bem como a paixão pelos idealistas alemães apresentadas pelo irmão mais velho, Américo, e também a paixão da irmã Virginia pela filosofia estruturaram o universo cultural em que se formaram os três irmãos menores: Sílvio, Arturo (futuro presidente da Argentina nos anos de 1958-1962) e Risieri¹⁸. Anos depois os três trilham caminhos diferentes. Silvio buscou a intelectualidade e a militância político-revolucionária, Arturo a política e Risieri a filosofia. Independente disso, nas palavras de Brienza, “la mesa familiar[...] fue durante mucho tiempo el

¹⁸ Risieri Frondizi foi professor de filosofia no *Instituto Nacional del Profesorado* de Buenos Aires em 1935. Pouco depois, ganhou uma bolsa para estudar na Universidade de Harvard onde teve como mestres Alfred North Whitehead, C.I. Lewis, R.B. Perry, W. Köhler, William Hicking, entre outros. Em 1937, Risieri foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Letras da *Universidad Nacional de Tucumán*, a qual dirigiu até 1946. Em 1943 e 1944 estudou na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, recebendo uma importante influência dos filósofos Roy Wood Sellars e Dewitt H. Parker. Em 1950 obteve seu doutorado em filosofia na Universidad Nacional Autónoma de México. Foi também reitor da *Universidad de Buenos Aires* (UBA). Entre suas principais obras podemos citar: *El punto de partida del filosofar* (1945 e reeditado em 1957); *Qué son los valores?* (1958); *Hacia la universidad nueva* (1958); *La universidad y sus misiones* (1959); *La Universidad en un mundo de tensiones. Misión de las Universidades en América Latina* (1971); *Descartes* (1991). (Extraído de <http://www.buenastareas.com/ensayos/Risieri-Frondizi/1634093.html> Acesso em: 06 nov. 2011)

cálido ambiente donde surgieron las primeras discusiones filosóficas e políticas, animadas siempre con las anécdotas del padre”¹⁹ (BRIENZA, p. 29)

Com dezesseis anos, em 1923, Sívlio acompanhado pelo pai e pelo irmão Arturo viajou a Buenos Aires, onde ingressou no Colégio Nacional Mariano Moreno. Três anos mais tarde ambos prestaram exames para o curso de Direito da *Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*. Ao ingressar no curso, Sívlio Frondizi, paralelamente, se inscreveu no *Instituto Nacional de Profesorado* para estudar História. Em 1930 se tornou professor de História nesse Instituto, enquanto Arturo se focou no curso de Direito, concluindo-o em apenas três anos. Nesse momento o caminho de ambos os irmãos começaram a divergir²⁰. Arturo, em pouco tempo, se converteu em um “dirigente radical de primeira linha” (TARCUS, p. 51), tendo amigos influentes na política - a conhecida “nata” da sociedade – entre os quais se destacaram: Lisandro de la Torre, Frederico de Alvear, Mario Bravo, Alejandro Korn, os irmãos Romero entre outros, enquanto que Sívlio Frondizi, nas palavras de Tarcus, é um “obscuro professor de História na remota *Universidad de Tucumán*” (TARCUS, p. 51). As leituras de ambos os irmãos confirmam as diferentes linhas de pensamento por eles adotadas. Sívlio se apoiou na filosofia política inglesa, preparando uma tese sobre John Locke, enquanto Arturo Frondizi influenciado pelo realismo político italiano projetou um ensaio sobre Maquiavel. E para complementar as disparidades, Tarcus aponta:

Una cierta lectura de algunas tesis del gran teorizador del liberalismo - el poder como mandato del pueblo, los derechos individuales protegidos ante el Estado, la periodicidad de los cargos públicos, la responsabilidad de los funcionarios, el derecho del pueblo a rebelarse contra la opresión – conducirían a Sívlio a la senda de Marx. Una cierta lectura de Maquiavelo – aquella que realza el realismo político del florentino, sus consejos al Príncipe para manipular la ignorancia de sus súbditos – conducira Arturo a la senda del poder. (TARCUS, p. 52)²¹

¹⁹ A mesa familiar [...] foi durante muito tempo cálido ambiente onde surgiram as primeiras discussões filosóficas e políticas, animadas sempre com as anedotas do pai. (Tradução livre do autor)

²⁰ As diferentes linhas ideológicas seguidas pelos irmãos Sívlio e Arturo Frondizi trouxeram inúmeras complicações no seio familiar. A tensão tomou conta da relação entre ambos e a situação tornou-se ainda pior com a subida de Arturo a presidência da República em 1958. Sívlio Frondizi se resguardava de fazer críticas ao governo do irmão, mas ao mesmo tempo desaprovava sua forma de governo.

²¹ Uma certa leitura de algumas teses do grande teorizador do liberalismo – o poder como mandato do povo, os direitos individuais protegidos pelo Estado, a periodicidade dos cargos públicos, a

Entre os anos de 1938 e 1945, Sívio Frondizi, aprofundou seus estudos sobre teorias políticas, além de lecionar na *Universidad de Tucumán*. Juntamente com seu irmão Risiere organizaram seminários sobre filosofia e política convidando professores da Europa perseguidos pelo fascismo, entre eles Rodolfo Mondolfo²² da Universidade de Bolonha que, por ser familiarizado ao marxismo, contribuiu para o amadurecimento do pensamento de Frondizi. Além de Mondolfo, muitos outros apresentaram ao futuro militante o marxismo historicista e humanista que caracterizou a primeira etapa do pensamento marxista de Frondizi e que o acompanhou até o fim de sua vida.

Durante esses anos, Sívio Frondizi preparou sua primeira obra, que veio a luz no ano de 1943: *Introducción al pensamiento de John Locke*. Nessa obra ele buscou entender as crises do século em que vivia sobre a ótica da formação do liberalismo. Essa crise era, na verdade uma crise interna, ou seja, uma crise que o país estava enfrentando. Vale lembrar que neste momento a Argentina está passando por uma situação de tensão que acabou culminando no “golpe” de 1943. Além disso, nessa sua primeira produção, nosso autor debateu conceitos como democracia e liberalismo, deixando abertas algumas questões que foram aprofundadas na sua segunda publicação, um ensaio de teoria política intitulado *El Estado Moderno*, escrito entre os anos de 1942 e 1944 e publicado em 1945.

Essa segunda publicação, no entanto, surgiu num momento em que se debatia nos principais círculos políticos e intelectuais do país o destino do Estado. A interpretação apresentada por Frondizi inseriu-o nas discussões então atuais. Seu crédito aumentou consideravelmente ao ter como editora a casa Losada, que segundo

responsabilidade dos funcionários, o direito do povo de rebelar-se contra a opressão – conduziram Sívio à senda de Marx. Uma certa leitura de Maquiavel – aquela que realça o realismo político do florentino, seus conselhos ao Príncipe para manipular a ignorância de seus súditos – conduziram Arturo à senda do poder. (Tradução livre do autor)

²² Nasceu em Senigallia, 1877 e morreu em Buenos Aires, 1976. Filósofo italiano. Professor nas Universidades de Turim e Bolonha em 1938. Exilou-se na Argentina até o final da Segunda Guerra Mundial, onde foi professor em várias universidades locais. Ao voltar à Itália continuou ser professor em Bolonha. Especialista em filosofia grega e no marxismo foi autor, entre outras obras de, *A Filosofia dos gregos, Materialismo Histórico e Bolchevismo e da ditadura*. (Extraído de: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/mondolfo.htm> Acesso em 07 set. 2011)

Tarcus era “uno de los epicentros de la cultura de izquierdas de la época”²³ (TARCUS, p.77). A partir dessa obra, Frondizi aproximou-se da democracia de Rousseau, que logo seria substituída pelo marxismo.

Inicialmente, portanto, a concepção do pensamento de Frondizi estava comprometida com a visão trágica do mundo. Segundo essa concepção, a sociedade moderna estava vivenciando um período de crises intermináveis e irreversíveis, que culminariam no seu próprio fim. O pensamento trágico dos séculos XVII e XVIII (que tinham em Pascal e Kant seus principais idealizadores) afirmava existir uma extensa crise entre as relações do homem com o mundo. O mundo, dessa forma, estava caminhando de forma irreversível para seu próprio fim: um beco sem saída. Mas essa concepção de mundo não termina aqui. Para a visão trágica de mundo não existe a menor possibilidade de transformar a realidade em que os homens estão inseridos, ou seja, o mundo não pode ser transformado e os valores não podem ser atualizados.

No começo do século XX esse pensamento assumiu, segundo Michel Löwy, ares de um certo “anticapitalismo romântico”. Percebia-se as contradições e os problemas do mundo, mas ao mesmo tempo constatava-se a ineficiência e a impossibilidade de transformar a realidade. Tudo não passava de teorias. Pensava-se sobre a situação, mas nada poderia ser feito para modificá-la. Foi então que Sívio Frondizi começou a perceber as debilidades dessa concepção de mundo.

Influenciado pelas leituras que fez de alguns teóricos, bem como pela presença de Mondolfo e a crise dessa visão trágica de mundo, Frondizi deu os primeiros passos nas leituras de Marx e no compromisso com a luta e a militância. É o próprio Sívio Frondizi que nota sua comodidade e ao mesmo tempo sua rápida conversão em relação aos acontecimentos políticos que pipocavam na Argentina da época. Segundo ele: “El pretexto de un conflicto me llevó al medio de la calle a vivir personalmente la crisis”²⁴ (FRONDIZI, *ap.* TARCUS, p. 78)

²³ Um dos epicentros da cultura de esquerdas da época (Tradução livre do autor)

²⁴ O pretexto de um conflito me levou ao meio da rua, a viver pessoalmente a crise. (Tradução livre do autor)

A crise política que a Argentina presenciou nos anos de 1942 e 1943 serviram para confirmar ainda mais a mudança de posição que Sívlio Frondizi vinha adotando no decorrer do tempo. É no folheto intitulado “*La crisis de la democracia*”, publicado em 1948 que encontramos um Frondizi tomando uma postura totalmente aberta ao socialismo, posição esta que havia assumido em 1946. Nesse artigo, Frondizi, apesar de sua postura, continuou com certas tensões trágicas, principalmente quando escreveu que as massas não “estavam em condições adequadas” para assumir o poder” (FRONDIZI, *ap.* TARCUS, p. 60). Alguns anos depois, contudo, o futuro militante repensou essas questões ao depositar nas massas a tarefa de revolucionar a situação de seu país. Depois de ter assumido a postura socialista nosso autor passou a familiarizar-se com alguns clássicos do marxismo. Citações em primeira mão de Lênin, Engels, Rosa Luxemburgo e do próprio Marx aparecem em suas obras. Além desses conhecidos pensadores, Frondizi recorre também a outros teóricos marxistas, como: Maurice Dobb, Paul Sweezy e Henri Lefebvre.

Seguido desse folheto, Sívlio publicou vários outros, além de importantes obras. Em ordem cronológica os folhetos publicados pelo autor são: “*El feudalismo. Ensayo de interpretación histórica*” (1940); *La crisis política argentina. Ensayo de interpretación ideológica*” (1946); “*La evolución capitalista y el principio de soberanía*” (1946); “*La integración mundial, última etapa del capitalismo-respuesta a una crítica*” (1947); “*La crisis de la democracia*” (1953); “*Fundamento, crisis y porvenir de la democracia*” (1956); “*Interpretación materialista dialéctica de nuestra época*” (1959); “*Bases y punto de partida para una solución popular*” (1961); “*El pensamiento político de J.J. Rousseau*” (1963); “*Manifiesto de la reconstrucción nacional*” (1964); “*Niccolò Machiavelli*” (1966) e por fim “*Pensamiento político de Danthe Alighieri*” (1966).

Além de publicar vários folhetos, Sívlio Frondizi escreveu sete importantes obras. Em ordem cronológica suas obras são: “*Introducción al pensamiento político de John Locke*” (1943); “*El Estado Moderno. Ensayo de crítica constructiva*” (1945); “*La realidad argentina. Ensayo de interpretación sociológica; volume I: El sistema capitalista; volume II: La revolución socialista*” (1955-1956); “*Doce años de política*

argentina” (1958); “*La Revolución Cubana: su significación histórica*” (1960); “*Teorías políticas contemporáneas*” (1965) e por fim “*Argentina: la autodeterminación de su pueblo*” (1973).

Sua “obra magna” ²⁵ (TARCUS, p. 62) é, entre todas as acima citadas, *La realidad argentina*. Nessa sua produção Frondizi empenhou mais de dez anos e contou com a colaboração de vários futuros líderes da esquerda argentina, entre os quais podemos citar Marcos Kaplan e o próprio Milcíades Peña. Essa obra está dividida em dois grossos tomos, sendo que no primeiro Frondizi objetivou entender o sistema capitalista mundial e as conseqüências de sua ação na América Latina e no segundo pretendeu analisar os pressupostos da Revolução Socialista. O estudo mais detalhado dessa sua produção faz parte do próximo tópico desse capítulo.

Entre os anos de 1945 e 1946, Frondizi claramente faz oposição ao peronismo. No folheto “*La crisis política Argentina. Ensayo de interpretación ideológica*”, lançado em março de 1946, o pensador argentino analisou a situação de seu país, num intento solitário de pensar o peronismo como um emergente da crise política argentina. Aqui já é possível perceber o distanciamento que Frondizi assume em relação as demais esquerdas do país que consideravam o peronismo já como uma manifestação de tipo fascista.

Tais críticas ao governo Perón custariam caro. Nessa mesma época Frondizi foi destituído de seus cargos na Universidad de Tucumán, sendo obrigado, portanto, a migrar para a capital, onde exerceu a função de advogado juntamente com o irmão Arturo e, entre os anos de 1944 e 1947, lecionou Direito Político no Colegio Libre de Estudios Jurídicos y Sociales, um colégio que era uma instituição pública, porém, desvinculado do Estado, sendo fundado em 1930 por uma ampla base de filiação liberal, socialista e comunista (Anibal Ponce, Alejandro Korn, Roberto Giusti, entre outros).

²⁵ Sua obra *La realidad argentina* é considerada *opera magna* pelo historiador Horácio Tarcus na medida em que Sílvio Frondizi condensou suas investigações sobre teoria política com a realidade do país; trabalho que levou dez anos a ser concluído.

Mas não foi apenas o peronismo que Frondizi criticou. Durante as eleições de 1945, o futuro militante marxista não vê com bons olhos a decisão do Partido Comunista Argentino ao se aliar com o imperialismo ianque. A União Democrática, estudada no capítulo anterior foi fortemente criticada. Em seu livro *Doce años de política Argentina*, publicado em 1958, Frondizi faz um balance do papel da União Democrática nas eleições, bem como de sua composição. Segundo ele qualquer tentativa de combater um inimigo deve ter homogeneidade de pensamento político:

Toda outra conjunción de fuerzas heterogéneas, basada en una necesidad circunstancial, tiene, por su misma índole carácter momentáneo y se disuelve tan pronto como desaparece el motivo externo que mantuvo unidas dichas fuerzas.²⁶ (FRONDIZI, 1958, p. 11)

O pensamento de Frondizi, sobre a União Democrática está muito claro. A mesma foi formada com apenas um interesse: derrotar Perón. Ao ser ela derrotada os elementos que a compunham logo foram se dissolvendo. Dessa forma a heterogeneidade do bloco inimigo de Perón foi o principal fator de seu próprio fracasso. Mas a crítica se aprofunda. A pergunta básica que poderia ser feita ao militante e que ele mesmo faz em seu livro seria: “no constituye un apoyo a la dictadura el dividir las fuerzas?”²⁷ Ele responde com outra pergunta: “no constituye un apoyo a la dictadura el aliarse con fuerzas retrógradas y en esta forma desprestigiar, ante la masa, a las fuerzas progresistas del país?”²⁸ (FRONDIZI, 1958, p. 17). O que Frondizi propôs é que, além de derrotar a ditadura, era dever da esquerda do país manter sua índole diante da massa, derrotando também as forças retrógradas do país que em outras palavras pode ser substituída por: aristocracia, conservadorismo e até mesmo a burguesia evitando assim que o país retroceda ao “marasmo anterior”.

²⁶ Toda outra conjunção de forças heterogêneas, baseada em uma necessidade circunstancial tem, por sua mesma índole, caráter momentâneo e se dissolve tão pronto desaparece o motivo externo que manteve unidas tais forças. (Tradução livre do autor)

²⁷ Não constitui um apoio a ditadura dividir as forças? (Tradução livre do autor)

²⁸ Não constitui um apoio a ditadura a aliança com forças retrogradadas e dessa forma desprestigiar, diante da massa, as forças progressistas do país? (tradução livre do autor)

Além dessa sua interpretação da realidade local na época, Frondizi fez muitos outros importantes estudos que o levaram a se distanciar do PCA. Segundo nosso autor o Partido Comunista havia perdido seu ideário revolucionário ao ser tragado pela onda da mera defesa democrática. Tudo isso conduziu o partido a um afastamento em relação às massas. Como se não bastasse isso, Frondizi apontou também que o partido estava subordinado em demasiado as políticas exteriores da URSS, ou seja, cabia ao partido realizar a revolução por etapas: uma ordem do partido soviético, como já foi apontado no capítulo anterior²⁹. Esse acirramento ideológico fruto de interpretações diversas de um mesmo processo que acontecia no país, impossibilitou qualquer tentativa de aproximação de Frondizi com o Partido Comunista Argentino.

Inicialmente podemos formular uma pergunta chave: se Frondizi criticava o Partido Comunista, qual sua linha ideológica? Seria ele um simples crítico sem prestígio nacional? Como já foi apontado anteriormente, o pensamento de Frondizi evoluiu de uma ótica liberal para uma concepção dialética e materialista da história, passando pela democracia de Rousseau. Ao assumir sua postura socialista ele teve acesso a leituras que ofereceram-lhe alguns suportes para suas primeira obras e artigos, ou seja, Frondizi realizou uma análise da Argentina recorrendo a referenciais como Henri Lefebvre, Rosa Luxemburgo e Rodolfo Mondolfo. Mas, um autor em especial brindou sua produção literária, servindo como referência inicial: Leon Trotsky. As primeiras interpretações do processo político argentino feitas por Frondizi levaram em consideração o ideário de revolução permanente proposta pelo teórico e revolucionário russo. De 1947 até 1955, Frondizi em suas obras usa constantemente Trotsky como sustentáculo teórico. Para reforçar essa idéia basta lembrar também que no segundo tomo de sua obra *La realidad argentina*, nosso autor reservou mais de cinquenta paginas para estudar tanto a teoria em Marx e Engels, como a teoria em Lênin e Trotsky.

²⁹ Michel Löwy estabelece em seu livro *O marxismo na América Latina* que, esquematicamente, podem-se distinguir três períodos na história do marxismo na América Latina: o revolucionário, dos anos 1920 até 1930, em que os marxistas inspirados nas obras de Mariátegui tendiam a caracterizar a revolução latino-americana como, simultaneamente, socialista, democrática e antiimperialista; o stalinista (de 1930 até 1959), durante o qual a interpretação soviética do marxismo foi hegemônica, e por conseguinte a teoria da revolução por etapas, de Stálin, definindo a etapa presente na América Latina como nacional-democrática e por último o período pós-revolução cubana caracterizado pela ascensão de correntes radicais. (LÖWY, p. 9)

Mas a passagem de liberal crítico para revolucionário orgânico não ficou apenas no papel da teoria. Manifestou-se também como práxis, ou seja, como prática político-revolucionária. A militância de Frondizi teve seu auge quando da criação do primeiro Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR) da América Latina. A origem do MIR remonta ao ano de 1946, quando Frondizi já estava com residência fixa em Buenos Aires. Uma grave infecção pulmonar obrigou Sívio a passar algumas temporadas nas serras de Córdoba, onde conheceu Pura, com quem se casou em 1949 na cidade de Unquillo, província de Córdoba. A casa serviria em primeiro lugar como um recanto de sossego para escapar da cidade: um refúgio para o militante escrever livros e folhetos. Em meados da década de 1950 a casa dos Frondizi se transformou numa escola para formação teórica e política de seus discípulos. Apesar de sua “casa de verão” em Córdoba, Buenos Aires continuou sendo o epicentro das suas atividades políticas. A partir da década de 1950 Sívio Frondizi “desarrollará por entonces una intensa labor política, que desembocará a mediados de 50 en la constitución del Movimiento de Izquierda Revolucionario Práxis”³⁰ (TARCUS, p.141-142).

As aulas dadas no Colégio Libre, os cursos de marxismo que lecionou no seu escritório e seu crescente prestígio transformaram Sívio Frondizi numa referência para muitos jovens marxistas que buscavam uma orientação mais sólida para iniciar uma prática político - revolucionária. Não tardou muito e o grupo aumentou consideravelmente. Entre os discípulos de Frondizi podemos encontrar muitos futuros líderes das esquerdas na Argentina. Horácio Tarcus em seu livro enumerou algumas dessas figuras que colaboraram com Frondizi, principalmente para que sua obra *La realidad argentina* viesse a tona: Marcos Kaplan, Eugenio Werden, Ricardo Napurí, Hugo del Campo, Jorge Altamira, Marcelo Nowestern, Alberto Giulis, Roberto Carri, Jorge Bolívar, Jorge Castro, Horácio Torres Molina, Alberto Ure, Alberto Ferrari, Ricardo Sindicaro, entre outros. (TARCUS, p. 143). Com estes colaboradores, Frondizi discutiu teoria e as possibilidades da prática. A falta de consenso, como veremos adiante, foi um fator chave para que o movimento ruísse.

³⁰ Desenvolverá então um intenso trabalho político que desembocará, próximo dos anos 50, na constituição do Movimento de Esquerda Revolucionario Práxis (Tradução livre do autor)

A militância do MIR-Práxis culminou na criação de uma editora própria, chamada de Práxis, financiada pelo próprio Frondizi, que tinha como função publicar além dos livros citados anteriormente os folhetos que circulavam pelo país, bem como obras de outros autores marxistas, muitos dos quais estavam inseridos e participavam ativamente do MIR. O historiador Horácio Tarcus aponta que na década de 1950 o MIR-Práxis contava com uma centena de membros enquadrados em uma organização de células de estudo espalhadas por todo o país. E nas palavras do historiador Hernan Brienza:

Por fin, la larga preparación teórica del grupo-el “paso atrás” del que hablaba Lênin-desembocó (en los febriles –‘55-56’) en la aparición pública del Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR) con su estructura bolchevique constituida por células y su comité central . Desde la mirada de su líder, el grupo se dedicó a reflexionar sobre la “praxis integral” del militante político, las críticas de las tendencias burocráticas e jerárquicas, y llego a discutir, inclusive, sobre la personalidad “patológica” del militante de izquierda tradicional.³¹ (BRIENZA, 2006, p. 52)

Depois de ter instalado a sede da Editora Práxis na Rua Cangallo 4400, Frondizi foi o responsável também pela criação de um “órgão de esclarecimento político” (BRIENZA, 2006, p. 52), que começou a ser publicado pelo grupo e circulou pelo país. Esse jornal chamado *Revolución*, entre outras questões abordou a situação argentina, fazendo veementes críticas a burguesia parasitária do país e aos demais partidos políticos.

Uma organização de esquerda na Argentina dessa época nos permite pensar em Sílvio Frondizi muito além de um simples escritor. Vale lembrar que a Argentina dessa época era governada a “ferro e fogo” pelo Coronel Perón. As perseguições feitas pela polícia local contra o movimento foram inúmeras, já que o governo e os partidos políticos eram fortemente criticados.

É possível estudar a trajetória de Sílvio Frondizi lançando mão de alguns conceitos desenvolvidos pelo também militante de esquerda italiano Antonio Gramsci.

³¹ Por fim a preparação teórica do grupo- o “passo atrás” do qual falava Lênin - desembocou (nos febris 55-56) na aparição publica do Movimento de Esquerda Revolucionario (MIR) com sua estrutura bolchevique constituída por células e um comitê central. Desde o olhar de seu líder, o grupo se dedicou a refletir sobre a “práxis integral” do militante político, as críticas as tendências burocráticas e hierárquicas e chegou a discutir, inclusive, sobre a personalidade “patológica” do militante de esquerda tradicional. (Tradução livre do autor)

Em sua obra *Os intelectuais e a organização da cultura* o pensador italiano desenvolveu um conceito que nos ajuda a compreender a trajetória de vida de Sílvio Frondizi: o conceito de intelectual orgânico.

No início de sua obra, Gramsci levanta uma problemática: os intelectuais são independentes ou podem ser representantes de um determinado grupo social? Para responder essa questão, Gramsci destaca que existem duas formas de intelectuais. A primeira forma seria aquela criada no bojo de um dado grupo social, ou seja, são criados de um modo orgânico e tem o dever de defender a concepção desse grupo social, tendo consciência da sua própria função, enquanto intelectual e representante de uma classe além, obviamente, de dar homogeneidade a essa classe. Esse grupo de intelectuais atua em várias áreas:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade ou consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 1995, p. 3)

A segunda forma é descrita por Gramsci da seguinte maneira:

Cada grupo social “essencial”, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento dessa estrutura, encontrou [...] categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 1995, p. 5)

Quais exemplos podemos tomar dessas duas categorias de intelectuais? Gramsci cita os eclesiásticos que monopolizaram durante muito tempo a ideologia religiosa. Essa categoria de intelectuais é classificada também por ele como intelectuais tradicionais.

Depois dessa divisão feita por Gramsci entre intelectuais orgânicos e tradicionais o autor nos surpreende com uma definição: “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então, mas nem todos os homens desempenham na

sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1995, p.7). Como justificar essa afirmação de Gramsci? Ora, todo homem é intelectual na medida em que possui gostos, possui uma concepção própria de mundo, uma linha consciente de conduta moral e dessa forma promove novas formas de pensar, de criticar, de propor soluções, mas nem todos tem consciência de sua intelectualidade, nem todos estão inseridos num contexto de luta, ou seja, nem todos são representantes de uma dada classe, por isso sua intelectualidade encontra-se estagnada (GRAMSCI, 1995, p.8).

Depois dessa definição proposta pelo teórico italiano é possível destacar que tanto o grupo social dominante, como os demais grupos sociais, entre os quais podemos citar os trabalhadores possuem seus intelectuais orgânicos. Cada intelectual procura dessa forma representar sua classe, a classe na qual o mesmo está inserido. Portanto, podemos pensar que o intelectual orgânico é criado pela classe no seu processo de afirmação e desenvolvimento, enquanto os intelectuais tradicionais formam uma camada possuidora de relativa autonomia e continuidade histórica, como é o caso dos eclesiásticos, que sendo tradicionais permanecem até hoje, ou seja, são intelectuais que não sofreram um processo de queda, mesmo com as grandes mudanças econômicas, sociais e políticas. Diante da luta imposta pela hegemonia cultural e política cada classe deve criar seus próprios intelectuais ligados a ela por laços orgânicos e assim combater as possíveis assimilações progressistas dos intelectuais opostos.

Sendo essa função da classe para com o intelectual qual a função do intelectual para com a classe que representa? Além de homogeneizar a classe é dever do intelectual também elevar essa classe a consciência de sua função histórica, ou seja, contribuir teoricamente (através de escritos principalmente) e politicamente para o sucesso da classe por ele representada. Entretanto a concepção gramsciana evita e repudia qualquer tentativa de inclinação ao aristocratismo, no sentido de que o intelectual orgânico não goza de “privilégios extras”. Em outras palavras: a concepção de intelectualidade proposta por Gramsci é democrática.

Diante desse conceito desenvolvido por Gramsci e da rápida trajetória de vida de Frondizi até meados da década de 1960 é possível perceber a intelectualidade de

Sélvio Frondizi, representante das massas do país. Enquanto intelectual Frondizi teve seu auge nos últimos anos da década de 1960 quando reuniu em torno de sua pessoa: “las figuras del teórico marxista, del político revolucionario, del profesor con apoyo estudiantil”³² (TARCUS, p. 149). Acredito que a advertência feita por Sélvio Frondizi na obra *La realidad argentina* nos possibilite ver tanto sua mudança de posição, de liberal para marxista, como sua atividade intelectual, juntamente com a juventude trabalhadora:

Dedicados desde hace tiempo a redactar un volumen sobre la Crisis del Estado Moderno, hemos creído conveniente suspender nuestra labor para dedicar atención al problema argentino; y hemos hecho tal cosa porque para nosotros, que profesamos la doctrina del materialismo dialéctico, la actividad tiene, además de un contenido científico, un significado integralmente humano, el que puede definirse en relación al comportamiento frente a los acontecimientos. Este comportamiento, que se define como praxis-actividad teórico-práctica-, encierra dos aspectos dialécticamente unidos, el individual y el social. En esta forma, cumplimos con nosotros mismos y prestamos ayuda a todo aquel que siente en carne propia la situación del país, y busque darle una solución acorde con la marcha de la situación mundial. En esta tarea ocupa lugar destacado la juventud trabajadora, tanto intelectual como manual; y a ella está destinado el ensayo [...].³³ (FRONDIZI, 1957, p.9)

Sua prática política foi coroada com sua visita a Cuba e seu encontro com Che Guevara em maio de 1960. A partir de sua visita e de seu contato com os revolucionários cubanos, Sélvio Frondizi escreveu um livro intitulado *La Revolución Cubana. Su significación histórica*, publicado em 1960 e com uma segunda edição no ano seguinte. Em seu livro o militante argentino creditou total sucesso a Revolução Cubana e escreveu:

Por eso consideramos que la Revolución implica el comienzo de la derrota del imperialismo en Latinoamérica, y por lo tanto el derrumbe final del capitalismo, y la instauración del socialismo, pero el socialismo como

³² A figura de teórico marxista, de político revolucionário e de professor com apoio estudiantil. (Tradução livre do autor)

³³ Dedicados desde muito tempo a redigir um volume sobre a Crise do Estado Moderno, acreditamos conveniente suspender nosso trabalho para dedicar atenção ao problema argentino; e fizemos tal coisa porque para nós que professamos a doutrina do materialismo dialético, a atividade tem mais do que um conteúdo científico, um significado integralmente humano, o que pode se definir em relação ao comportamento frente aos acontecimentos. Esse comportamento que se define como praxis- atividade teórico-prática-, encerra dois aspectos dialeticamente unidos: o individual e o social. Dessa forma, cumprimos com nós mesmos e prestamos ajuda a todo aquele que sente na própria carne a situação do país, e busque dar-lhe uma solução em acordo com a marcha da situação mundial. Nessa tarefa ocupa um lugar destacado a juventude trabalhadora, tato intelectual como manual e a ela está destinado este ensaio. (Tradução livre do autor)

manifestación suprema de la libertad de los pueblos, el pasaje del capitalismo al socialismo, implica el pasaje del reino de la necesidad al reino de la libertad.³⁴ (FRONDIZI, 1961, p.106).

Nesse contexto, Frondizi gozava de uma reputação, enquanto intelectual, única. A década de 1960 ainda traria mais novidades para o antigo professor tucumano. Em 1958 retornou a atividade acadêmica, agora como professor de Direito Político da *Universidad Nacional de La Plata*, contando com enorme apoio do movimento estudantil. Sua consagração enquanto teórico marxista efetivou-se com a publicação de *La realidad argentina*. O ano de 1959 fechou uma década de extenso trabalho e militância política. Nesse mesmo ano Carlos Strasser incluiu Sívio Frondizi dentro “de las diez personalidades más destacadas de la izquierda argentina”³⁵ (TARCUS, p. 150). Percebe-se, portanto, que Frondizi e seu grupo fizeram parte de uma corrente de renovação do ideário marxista na América Latina.

A crise do MIR efetiva-se pela enorme repressão que atingiu os partidos de esquerda da Argentina no início da década de 1960, bem como pela nova situação proposta a partir da revolução cubana e pelo forte movimento peronista que atingiu o país, sendo pouco permeável aos discursos socialistas. O MIR, junto com outras correntes e movimentos de esquerda do país foi posto na ilegalidade. Mas a produção do grupo não cessou. Em 1961, debaixo de um novo nome o jornal *Revolución* volta a tona, agora chamado de *Movimiento*. Apesar disso:

El MIR-Praxis, a pesar del prestigio político-intelectual ganado en esos años, no logro sobrevivir a la nueva situación signada por la Revolución Cubana, un movimiento obrero persistentemente peronistay poco permeable a los discursos socialistas y una creciente represión estatal sobre las organizaciones de izquierda.³⁶ (TARCUS, p.370)

³⁴ Por isso consideramos que a Revolução (Cubana) implica o começo da derrota do imperialismo na América Latina e, por conseqüência, a queda final do capitalismo e a instauração do socialismo, mas o socialismo como manifestação suprema da liberdade dos povos, a passagem do capitalismo ao socialismo implica a passagem do reino da necessidade ao reino da liberdade. (Tradução livre do autor)

³⁵ Uma das dez personalidades mais destacadas da esquerda argentina. (Tradução livre do autor)

³⁶ O MIR-Práxis, apesar do prestígio político e intelectual que ganhou nestes anos, não conseguiu sobreviver a nova situação política designada pela Revolução Cubana, um movimento trabalhador persistentemente peronista e pouco permeável aos discursos socialistas e a uma crescente repressão estatal sobre as organizações de esquerda. (Tradução livre do autor)

Ora, o início dos anos 1960 marcaram, portanto, o “início do fim” da militância ativa de Frondizi. Seus principais discípulos, entre os quais os já citados Milciades Peña e Marcos Kaplan, se distanciaram de Sívio Frondizi por questões de interpretação, ou seja, inúmeras dificuldades de homogeneidade de interesses e pensamentos culminaram também no afastamento desses dois principais apoios de Frondizi e contribuíram para o agravamento da crise instalada no seio do movimento.

O fim efetivo do MIR-Práxis ocorreu em 1964. Somente Sívio Frondizi e alguns poucos colaboradores continuaram, mas de maneira parca, com seu programa de formação teórica e política. Diante do exposto uma problemática surge: Qual o saldo deixado pelo movimento organizado por Frondizi? Será que foi apenas mais uma tentativa, entre as muitas que pipocavam no continente, de crítica a esquerda tradicional? Em primeiro lugar é possível pensar que o MIR-Práxis, organizado pelo militante argentino foi o primeiro de uma série espalhado por toda a América Latina e contou com a adesão de um expressivo número de militantes que tentavam se distanciar da ala considerada por eles como conservadora; em segundo lugar é possível perceber que tanto o movimento de Frondizi, como os de outros intelectuais argentinos desse período, instalaram uma crise na velha e tradicional esquerda argentina que foi obrigada a repensar seu projeto político de revolução, suas alianças partidárias e sua relação com as massas.

Os anos iniciais da década de 1960 e 1970 foram marcados por pouca produção teórica, sendo que Sívio já aparecia para o país como um revolucionário sem partido. Diante dessa situação seus esforços se concentraram na docência e, enquanto advogado, na defesa de presos políticos. Independente disso, Frondizi continuou sendo um referencial para a nova geração da esquerda argentina. Sua reputação enquanto intelectual e político havia atravessado fronteiras e sua fama já era continental. Nas palavras de Tarcus a casa dos Frondizi, nas décadas de 1960 e 1970, havia se convertido em parada quase obrigatória “de todos los revolucionarios latinoamericanos que llegaban al país.”³⁷(TARCUS, p.416)

³⁷ De todos os revolucionários latino-americanos que chegavam ao país. (Tradução livre do autor)

Mas o ano de 1972 marcou a volta de Frondizi à publicação jornalística. Juntamente com figuras independentes da esquerda argentina, como Enrique Walker, Alicia Eguren, Rodolfo Ortega, Eduardo Duhalde, entre outros, Sívio Frondizi publicou o *Nuevo Hombre*. Walker, o fundador do jornal, abandonou-o em 1972 e Frondizi assumiu as rédeas do mesmo. As eleições de 1973, que mais uma vez culminou no retorno de Perón ao poder, foi um dos vários temas abordados por Frondizi no jornal e o peronismo mais uma vez foi fortemente criticado. Era o encontro de dois velhos inimigos: de um lado o militante revolucionário e do outro o presidente. Mas dessa vez as velhas rixas passaram dos limites do simples campo teórico para o campo da perseguição material.

Buscando ativamente um posto na luta, Frondizi passou a realizar uma tarefa arriscada: defender presos políticos e sindicais. Como se não bastasse isso, o velho militante ingressou no *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT), vinculado a IV^a Internacional. Sua militância nesse partido e seus textos contra o governo trouxeram desconforto geral para os que estavam no poder. Segundo Tarcus:

Con la agudización del proceso político, la escalada de violencia y la creciente militarización del Estado, su actividad de abogado de presos políticos y gremiales de la izquierda se hace cada vez más riesgosa y su inmunidad cada vez más relativa. Pero Frondizi, aún presintiendo el trágico desenlace de la contienda, desoye cualquier advertencia y sigue su camino.
³⁸(TARCUS, p. 424)

O confronto se estreitou ainda mais com a tentativa de defesa por parte de Sívio Frondizi, em fevereiro de 1974, de alguns presos envolvidos em uma tentativa de tomar o *17º Regimiento de Infantería Aerotransportado de Catamarca*. O governo refutou fortemente o ataque. Muitos morreram e os que sobreviveram foram defendidos por Julio César Marcolli, Alfredo Curutcher e Sívio Frondizi (TARCUS, p.425). Dias depois uma conferência de imprensa foi convocada e Frondizi apontou, através dos laudos e da perícia médica que os combatentes de Catamarca não foram

³⁸ Com a agudização do processo político, a escala de violência e a crescente militarização do Estado, sua atividade de advogado de presos políticos e sindicais da esquerda se faz cada vez mais perigosa e sua relativa imunidade se torna cada vez mais relativa. Mas Frondizi, mesmo pressentindo o trágico desenlace da contenda, esquece qualquer advertência e segue seu caminho. (Tradução livre do autor)

mortos em luta, mas sim friamente executados. A repercussão das informações foi enorme, já que o órgão responsável pela repressão dos militantes eram as próprias Forças Armadas do país. Na sua declaração Frondizi havia acusado o comissário da Polícia Federal, Alberto Villar de haver presidido a tortura contra os guerrilheiros (TARCUS, p. 426). O chefe da polícia era, na verdade, um dos cabeças da Triple A (*Alianza AntiComunista Argentina*), aliança que depois da morte de Perón em 1974, desatou uma forte repressão contra os partidos representantes das massas. Frondizi, dessa forma, passou a correr risco de vida. Nas palavras de Tarcus a Triple A:

Con plena libertad de acción e impunidad absoluta, anunciaron sus listas negras, secuestraron y asesinaron a mansalva. Entre julio y setiembre de 1974 produjeron 220 atentados (casi tres por día), 60 asesinatos de dirigentes políticos y gremiales (uno cada 19 horas) y 44 víctimas resultaron con heridas graves. Realizaron en el mismo tiempo 20 secuestros, uno cada dos días.³⁹(TARCUS, p. 426)

Os amigos de Sílvio percebendo a gravidade da situação alertam-no para que fugisse do país. O velho revolucionário se negou a deixar seu posto de luta. No dia 30 de agosto seu escritório da Rua Lavalle foi bombardeado. No dia 10 de setembro outro amigo de Frondizi foi assassinado. Novas declarações de Sílvio Frondizi complicaram ainda mais sua situação. O cerco se fechou na sexta feira, dia 27 de setembro de 1974. Um comando da Triple A dirigido por Juan Ramón Morales invadiu o domicilio de Frondizi na Rua Cangallo. Golpeado, o velho revolucionário foi seqüestrado, enquanto seu genro Luis Angel Mendiburu, militante da Juventude Peronista foi morto. Duas horas mais tarde a Tripla A emitiu uma nota na qual assumia o assassinato de Sílvio Frondizi. O corpo foi encontrado nos arredores de Ezeiza, em Buenos Aires.

Por fim:

El asesinato de Silvio Frondizi parece cerrar así una vida signada por el espíritu de la tragedia. Pues al contrario de lo que entienden sus verdugos, Frondizi fue un “traidor” a su clase, pero no a sus valores. Más aún,

³⁹ Com plena liberdade de ação e impunidade absoluta, anunciaram suas listas negras. Seqüestraram e assassinaram em abundância. Entre julho e setembro de 1974 produziram 220 atentados (quase três por dia), 60 assassinatos de dirigentes políticos e sindicais (um a cada 19 horas) e 44 vítimas com feridas graves. Realizaram ao mesmo tempo 20 seqüestros, um a cada dois dias. (Tradução livre do autor)

defendio los valores humanistas contra la classe que los abandonaba o lo desvirtuaba. Y los defendió con toda consecuencia, aún cuando al final de su vida entreveía el desenlace de la tragédia.⁴⁰ (TARCUS, p.429)

Dentre os pensamentos desenvolvido pelo argentino Frondizi vamos nos focar nas próximas paginas na concepção que o autor estabelece sobre o peronismo. Seria o peronismo um fenômeno fascista? Se não, qual a solução proposta por Frondizi em relação a essa problemática? Como ele trata esse momento importante da política argentina em suas obras? Essas são algumas das perguntas que nos propomos responder no próximo tópico.

2.2 A INTERPRETAÇÃO DO PERONISMO POR SÍLVIO FRONDIZI

Em relação à geração de 1960, Sílvio Frondizi contribuiu como poucos para a modernização do pensamento socialista. Entre suas notáveis teorias o pensador marxista se destacou em propor uma teoria sobre a integração mundial capitalista, além de ter criado um partido novo, fundado na relação entre a militância e a vida cotidiana. Entretanto, Frondizi desenvolveu uma aguçada análise do primeiro ciclo peronista. Suas conclusões o inseriram dentro de um movimento da esquerda revolucionária que surgiu em toda a América Latina e em cujo seio se encontravam fortes críticas dirigidas as Partido Comunista Argentino.

Para entender a concepção do peronismo proposta por Frondizi é importante estudar sua obra *La relidade argentina. Ensayo de interpretación sociológica*. Foi no tomo I, intitulado *El sistema capitalista* que Frondizi analisou o peronismo. Esse primeiro tomo de sua obra é muito complexo e ao mesmo tempo de difícil classificação. Frondizi preferiu definir sua obra como um ensaio, destacando o caráter aberto e problemático que permeou sua produção. Além disso, seu estudo teria

⁴⁰ O assassinato de Sílvio Frondizi parece encerrar uma vida marcada pelo espírito da tragédia. Pois ao contrario do que entendem seus executores, Frondizi foi “um traidor” de sua classe, mas não de seus valores. Além disso, defendeu os valores humanistas contra a classe que o abandonava e o distorcia. E defendeu esses valores com toda, mesmo quando ao final de sua vida vislumbrava o desenlace da tragédia. (Tradução livre do autor)

também um caráter sociológico, ou seja, o método utilizado por ele seria o materialismo histórico.

Essa importante obra foi dividida em três partes. Na primeira parte, o autor fez um estudo geral sobre a economia capitalista. Em sua interpretação do capitalismo, Frondizi e seus colaboradores estudaram tanto a economia capitalista mundial como seus impactos no país, ou seja, o capitalismo nacional. Dessa forma, um dos subtítulos do primeiro capítulo, dedica-se a estudar exclusivamente a ação do imperialismo sobre a economia argentina. Os Estados Unidos emergiu, segundo ele, como a grande potência capitalista, em cujo bojo se encontrava o poder de integrar as economias dos países ao sistema dominante. Na segunda parte de sua produção Frondizi fez um breve balance das classes sociais. Por fim, o autor abordou o peronismo, dentro de um capítulo intitulado *Los partidos políticos*, no qual além de interpretar o peronismo, Frondizi fez também um balance das forças políticas do país. Dessa forma, dentro de uma linha histórico-marxista, a seqüência que Frondizi propôs foi a seguinte: economia capitalista mundial (p.15-110)- capitalismo nacional (p. 111-242)- classes sociais argentinas (p.243-262)- partidos políticos na Argentina (p. 263-332).

Percebendo o conteúdo marxista de sua produção é possível comparar a obra de Sílvio Frondizi com alguma outra produção anterior ou posterior no pensamento argentino? Essa é uma tarefa muito difícil. A obra de Frondizi foi uma excepcionalidade no pensamento argentino em meados do século XX.

Diante disso, quais os teóricos que formaram a base de seu pensamento? Sem dúvidas, durante sua produção, Sílvio inspirou-se em algumas conhecidas obras. Entre elas podemos citar: *O XVIII Brumário de Luis Bonaparte*, escrito por Marx, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, escrito por Lênin e o *1905* de Trotsky. Nossa função agora é, através do estudo de sua obra principal, entender a concepção do primeiro ciclo peronista formulado por Perón.

Não temos dúvidas que o mundo tomou novos rumos após a Segunda Guerra Mundial. Para Frondizi, desde 1946, o capitalismo entrou numa lógica de integração mundial e a Argentina, dentro desse contexto não passava de uma semi-colônia do

imperialismo. Nesse contexto Frondizi analisou a teoria da revolução democrático-burguesa. Para ele, os países ricos, durante o século XVIII e XIX, haviam se desenvolvido de maneira satisfatória, principalmente através da industrialização e da independência nacional, enquanto que os países de algumas “zonas periféricas” estavam impossibilitados de empreender um programa de crescimento e incorporação ao sistema mundial. A solução da Argentina, na ótica de alguns partidos do país, bem como para alguns intelectuais, estava concentrada na revolução democrático-burguesa. O sistema capitalista em crise deveria ser derrubado por etapas. Frondizi não partilhava essa mesma linha de pensamento:

Como la humanidad progresa incesantemente también los países de estas zonas periféricas tratan de avanzar, pero al hacerlo enfrentan el problema en condiciones distintas de los países dominantes. En efecto, éstos realizaron su revolución democrático-burguesa en el período de expansión del capitalismo, aquéllos deben realizarla e superarla en el presente, es decir cuando el sistema capitalista ha entrado en crisis, en su fase declinante.
⁴¹(FRONDIZI, 1957, p.12)

O primeiro volume apresenta, portanto, um sistema mundial que dificultou e ao mesmo tempo impossibilitou que os países das “zonas periféricas”, especialmente os latino-americanos, realizassem a revolução democrático-burguesa. Qual o exemplo clássico, citado por Sílvio Frondizi, de uma tentativa de revolução democrático-burguesa no continente latino-americano? A resposta é clara para o autor: o peronismo. Para Frondizi, o peronismo (e todos os que apoiaram seu plano político) representou atrasos para o país. Essas forças que compunham o peronismo eram, portanto, retrógradas. Assim, peronismo pode ser entendido como uma tentativa frustrada de revolução burguesa que tentou resolver, dentro dos marcos do capitalismo mundial, os grandes problemas nacionais. Para ele, como veremos adiante, as soluções propostas por Perón e que foram analisadas no capítulo anterior, não dão conta de apresentar mudanças que beneficiassem verdadeiramente o país. Diante disso qual a solução que Frondizi propõem? Para ele a revolução socialista permanente era a única saída para o país.

⁴¹ Como a humanidade progride incessantemente, também os países de estas zonas periféricas tratam de avançar, mas ao fazê-lo enfrentam problemas em condições distintas á dos países dominantes. Em efeitos, os países dominantes realizaram sua revolução democrático-burguesa em um período de expansão do capitalismo. Os países periféricos devem realizá-la e superá-la no presente, isto é, quando o sistema capitalista entrar em seu estado de crise, em sua fase declinante. (Tradução livre do autor)

Enquanto intelectual orgânico, Frondizi realizou uma profunda análise do peronismo. Para ele o golpe militar de 1943 tinha lugar em um momento único da história social da Argentina. E assim, o militante partiu para um estudo dos vários grupos sociais presentes nesse evento. Frondizi começou pela oligarquia, afirmando que a mesma estava cindida interiormente, ou seja, os conflitos internos colocavam o conservadorismo do país em uma posição de xeque-mate. A burguesia do país, segundo ele, foi inflamada pela industrialização que atingiu a Argentina nos meados da década de 1940 e da qual falamos anteriormente. Essa burguesia possuía inúmeras aspirações: remodelar o Estado, espalhar ares de paz social além de ter ao seu alcance mão-de-obra barata e abundante. As massas populares também estavam presentes no jogo através das pressões que exerciam principalmente sobre os governos oligárquicos. O resultado dessa pressão externa foi o golpe de 4 de junho, estudado no capítulo anterior:

Después de algunos titubeos y fracasos, tomo el control de la situación el grupo encabezado por el entonces coronel Juan Perón, quién con clara visión capto rápidamente el doble aspecto de la situación: el peligro y las posibilidades de éxito político que la presión proletaria implicaba en la vida nacional.⁴² (FRONDIZI, 1957, p. 276)

O panorama da tomada do poder por Perón estava aclarado. A esperteza de Perón foi coroada quando da sua vitória nas eleições de 1945. Diante disso, o peronismo surgiu como um fenômeno na Argentina devido à crise dos partidos e dos grupos sociais (que não tinham como apresentar soluções para os problemas que afligiam o país), aliado a pressão das massas e brindado com a esperteza e perspicácia política de Perón. Depois dessa sua breve análise da conjuntura política que permitiu a subida de Perón ao poder, Frondizi passou a estudar a composição do peronismo. Para ele, o peronismo estava demarcado por uma heterogeneidade de forças, ou seja, uma complexidade de grupos sociais. Essa contradição de forças, segundo Frondizi, foi crucial por que: “pone en peligro el empuje que pretende tener el movimiento; nos

⁴² Depois de algumas dúvidas e fracassos, tomou conta da situação o grupo encabeçado pelo então coronel Juan Perón, que com clara visão captou rapidamente o duplo aspecto da situação: o perigo e as possibilidades de êxito político que a pressão proletária implicava na vida social. (Tradução livre do autor)

referimos a la base cultural que parece tener y a su caracter activo”⁴³(FRONDIZI, 1957, p.276). Segundo Frondizi, o peronismo estava dividido em duas forças: a primeira “nacionalista no pior sentido da palavra” (FRONDIZI, 1957, p.276), que remontava a Idade Média através de seu racismo e clericalismo. Segundo essa linha o homem moderno encontrava-se em crise por ter abandonado á Deus, quando abandonou a concepção medieval da vida (Frondizi afirma que nas mãos desse grupo estava a educação primária e secundária do país). A segunda força era a progressista que procurava eliminar esse medievalismo político e cultural do país ao aspirar um clima de liberdade total. Essa dicotomia de forças que compunham o peronismo foi considerado pelo militante marxista um aspecto negativo, pois, distanciava o governo de um objetivo comum, causando um choque entre as forças políticas.

É nesse ponto que a interpretação de Frondizi começou a entrar em choque com a idéia que o Partido Comunista Argentino tinha do peronismo. Segundo ele o processo que permitiu a ascensão do peronismo ao poder, bem como sua consolidação foi um processo que representou tipicamente uma manifestação bonapartista. Mas o que podemos entender por bonapartismo?

O termo bonapartismo foi criado por Karl Marx. A maioria das referencias feitas por Marx ao bonapartismo e o estudo mais detalhado desse fenômeno foram transcritas em um livro intitulado *O XVIII Brumario de Luis Bonaparte*⁴⁴. Marx, nesse livro faz um estudo da situação da França nos anos de 1848-1851. A situação francesa nessa época apresentava uma burguesia em crise, devido os levantes operários ocorridos no país. Essa burguesia temendo ser destituída politicamente do poder, abandonou sua existência política e se entregou a ditadura de um aventureiro e seu bando: Luis Bonaparte, recorrendo assim ao Executivo. E como as classes operárias participaram do movimento? O teórico alemão August Thalheimer pode nos ajudar, ao afirmar que:

⁴³ Põe em perigo a força que pretende ter o movimento; nos referimos a sua base cultural e seu caráter ativo. (Tradução livre do autor)

⁴⁴ Vale lembrar que esse foi um dos livros que inspirou Sílvio Frondizi quando ele escreveu *La realidad argentina*.

Ela participa no surgimento do bonapartismo na medida em que partiu para a derrubada revolucionária da sociedade burguesa, insuflou-lhe medo e pavor, mas ainda não se mostrou capaz de tomar para si o poder e mantê-lo. Uma grave derrota do proletariado em uma profunda crise social é, portanto, uma das premissas do bonapartismo. (THALHEIMER, 2009 p.23)

De maneira geral, a burguesia transfigurada no espírito de um aventureiro controlou indiretamente o poder. O Poder Executivo aparece no meio burguês como um possível representante dessa burguesia em meio a uma crise que atingia seus círculos. As condições históricas que permitiram a ascensão do bonapartismo estavam, pois, concentradas numa tremenda derrota do proletariado e em uma profunda crise social. Essas são as premissas do bonapartismo. Portanto, o Executivo apareceu como a válvula de escape da burguesia francesa. Foi o próprio Friedrich Engels que notou as debilidades da burguesia quando escreveu a introdução à terceira edição da *Guerra Civil na França*:

O castigo não se fez esperar. Se o proletariado não podia governar a França, a verdade é que a burguesia já não o podia. Pelo menos nesse tempo, em que, na maioria, ela ainda tinha sentimentos monárquicos e estava dividida em três partidos dinásticos e num quarto [partido] republicano. As suas querelas intestinas permitiram ao aventureiro Luís Bonaparte tomar todos os postos de poder-exército, polícia, máquina administrativa - e, em 2 de dezembro de 1851 dissolver o último bastão da burguesia, a Assembléia Nacional. (ENGELS. *In*: MARX 2008. p.343)

Essa foi uma jogada política da burguesia francesa que permitiu sua continuidade no poder, ainda que de maneira indireta. Em uma situação de crise política e vendo seu poder escassear a burguesia percebeu as debilidades políticas e sociais do país e cedeu temporariamente o poder ao aventureiro Bonaparte. A dissolução da Assembléia Nacional aparentava ser o estopim da ruína burguesa, mas na verdade foi uma artimanha dessa classe que objetivava controlar a política do país.

Mas qual a composição do bonapartismo? Quais fatores permitiram sua permanência no poder? A máquina partidária bonapartista contava com um forte elemento estrutural: o exército. O aparato militar do sistema bonapartista foi o sustentáculo político de Luís Bonaparte. Segundo Thalheimer:

O exército bonapartista consiste de elementos camponeses desclassificados [...]. São na sua maior parte soldados profissionais com tempo de serviço de

muitos anos [...]. Quando separados de sua origem de classe são os instrumentos de poder adequados para o “executivo autonomizado” [...] (THALHEIMER, p.25)

Esses componentes do exército, segundo Marx, estavam impossibilitado de defender sua existência nacional caso entrassem em guerra com países do exterior. Eram instrumentos pouco adequados para defender o Estado. Isso era, sem dúvidas, uma armadilha da burguesia.

Marx aprofundou seu pensamento e apontou as debilidades do sistema bonapartista que causariam a sua própria queda. Ao se reconhecer como representante da classe média e ao mesmo tempo sendo responsável por assegurar a ordem burguesa, Bonaparte perdeu poder. Ele só é alguém porque quebrou esse poder político da classe média, mas ao mesmo tempo, ao ser obrigado a proteger o poder material da burguesia acabou dando-lhe poder político:

Bonaparte como força do Poder Executivo autonomizado, sente como vocação sua assegurar a “ordem burguesa.” Mas a força dessa ordem burguesa é a classe média. Sabe-se, portanto, representante da classe média e promulga decretos nesse sentido. Ele só é de fato alguma coisa, porque quebrou o poder político dessa classe média e, diariamente, o quebra de novo. (MARX, 2008, p.332)

O bonapartismo é, portanto, uma forma de poder que o Estado assume na sociedade burguesa completamente desenvolvida. É a forma mais podre, mais prostituída que a burguesia já recorreu. “[...] é a forma de poder de Estado com a qual a sociedade burguesa desaparece, seu último refúgio da revolução proletária e ao mesmo tempo sua ruína [...]” (THALHEIMER, p.27). Esse fenômeno histórico pode ser considerado, pois, uma ditadura aberta do capital. No bonapartismo, o Poder Executivo deve ser autonomizado, o domínio político da burguesia precisa ser aparentemente aniquilado e todas as outras classe sociais devem estar submetidas ao Executivo

Se o bonapartismo pode ser considerado a forma mais podre e ao mesmo tempo a ruína da burguesia o que podemos entender por fascismo? Segundo Thalheimer, o fascismo possui a mesma essência do bonapartismo, ou seja, “uma forma de ditadura aberta capitalista” (THALHEIMER, p.28). No entanto, existe um pequeno detalhe, que Thalheimer acredita existir: “Ao invés de dizer que o fascismo é a ditadura aberta da

burguesia, deve ser colocado: *é uma forma dessa ditadura aberta*” (THALHEIMER, p. 29), ou seja, é o último estágio do bonapartismo. Em outras palavras: o fascismo é a fase final da manifestação bonapartista e possui características que variam de acordo com as especificidades locais e temporárias. As diferenças entre o fascismo e o bonapartismo, portanto, devem ser remetidas e condicionadas localmente, ou seja, pelas diferenças locais das relações de classe, das tradições históricas, entre outras. A mudança do caráter geral do capitalismo, ou seja, do caráter geral da sociedade burguesa, agudizam essas diferenças. Fato é que estava claro para a burguesia francesa que após a experiência bonapartista a classe operaria já não podia ser oprimida de forma aberta e ditatorial.

Sílvio Frondizi em sua análise do peronismo acredita que este surgiu de um encontro da burguesia com o exército: bonapartismo. Perón tem uma função:

[...] desarrollar y canalizar simultáneamente la creciente presión del proletariado en beneficio del grupo dirigente primero y de las clases explotadoras luego. Esta es precisamente toda su historia.⁴⁵ (FRONDIZI, 1957, p. 276)

Para Frondizi, Perón era um representante da burguesia. O presidente argentino se apoiava nas classes extremas do país: grande capital e proletariado. O lucro era da burguesia, que sofreu diretamente o impacto dessa forma de governo:

Para demostrar que el régimen peronista es bonapartista y no fascista, es suficiente con indicar que se apoya en las clases extremas; gran capital y proletariado, mientras la pequeña burguesía y en general la clase media, sufre el impacto económico-social de la acción gubernamental.⁴⁶ (FRONDIZI, 1957, p. 292)

O bonapartismo era, portanto, o aproveitamento do empurre das massas em favor do capitalismo. A burguesia, inteligente na interpretação dos fatos e da realidade que atingiu o país iludiu o setor trabalhador concedendo algumas poucas melhoras, cujos reflexos podiam ser visualizados nas melhorias de condição de vida:

⁴⁵ Desenvolver e canalizar simultaneamente a crescente pressão do proletariado em benefício do grupo dirigente primeiro e, por consequência, das classes exploradoras. Essa é, precisamente, toda sua história. (Tradução livre do autor)

⁴⁶ Para demonstrar que o regime peronista é bonapartista e não fascista é suficiente indicar que se apóia nas classes extremas: grande capital e proletariado, enquanto que a pequena burguesia e, em geral a classe média, sofre os impactos econômicos e sociais dessa ação governamental. (Tradução livre do autor)

La política de ayuda obrera referida se realiza en realidad en muy pequeña escala, si es que alguna vez se realiza, dándosele apariencia gigantescas por médio de supuestas medidas financeiras de todo orden. La más comun de todas ellas es la desvalorización de la moneda, que permite engañar a las masas obreras con supuestos aumentos de jornales. Estos aumentos son absolutamente nominales frente al correlativo aumento de los precios.⁴⁷ (FRONDIZI, 1957, p. 283)

Diante disso como Frondizi entende as práticas sociais peronistas? Para ele, Perón enganava as massas com seus ridículos aumentos de salários e suas “melhorias sociais”. Assim, o peronismo utilizava todo um “processo demagógico”, recorrendo a “mentiras e ficções” para manter os votos da classe trabalhadora e, por conseguinte manter-se no poder. Portanto, essa demagogia de Perón serviu para acelerar o processo de crise do capitalismo: “Las medidas demagógicas dislocan aún más el sistema capitalista, anarquizándolo y por lo tanto acelerando su proceso crítico.”⁴⁸ (FRONDIZI, 1957, p. 283)

Mas de que maneira a demagogia poderia causar a aceleração e o fim do capitalismo na visão de Frondizi? A partir do momento em que a classe trabalhadora do país estivesse consciente de sua função dentro da luta, entenderia a artimanha usada pelo sistema e, portanto, causaria através da revolução socialista o fim do império capitalista.

Essas contradições internas ao sistema, produzidas também pelo processo demagógico, deixavam duas saídas ao capitalismo nacional: uma era continuar com esse processo e terminar com o próprio sistema e a outra era usar a força. A primeira saída, logicamente, deveria ser descartada porque implicaria no fim instantâneo do sistema. A segunda saída era conhecida na história pelo nome de “fascismo ou totalitarismo”. A conclusão que Frondizi chegou era que o peronismo era um regime bonapartista que culminaria no fascismo. (AMARAL, p.16). Nessa parte de sua análise

⁴⁷ A política de ajuda ao trabalhador se realiza, na realidade, em pequena escala, se é que alguma vez se realiza, dando a ela aparência gigantesca por meio de supostas medidas financeiras de toda ordem. As mais comuns entre elas é a desvalorização da moeda, que permite enganar as massas trabalhadoras com supostos aumentos de pagamentos. Esses aumentos são absolutamente pequenos frente ao aumento dos preços. (Tradução livre do autor)

⁴⁸ As medidas demagógicas deslocam ainda mais o sistema capitalista, anarquizando-o e, portanto, acelerando seu processo crítico. (Tradução livre do autor)

Fronidzi elucida a diferença entre o fascismo e o bonapartismo e percebe no peronismo os elementos fundamentais de uma manifestação do tipo bonapartista. No fascismo, afirmou Frondizi, a pequena burguesia era a classe ativa, encarregada também de reprimir as massas. Essa repressão não ocorreu no peronismo. Esse é o fator chave que permite Frondizi interpretar o peronismo diferente das demais alas da esquerda argentina.

Para corroborar sua afirmação de que o peronismo era bonapartista, Frondizi analisou a relação do governo com as diferentes classes sociais. Depois de estudar os discursos de Perón, o militante marxista concluiu que: “como cem mil vezes en la historia, el regimen peronista pretende elevarse encima de las clases sociales e erigirse el árbitro del sistema”⁴⁹ (FRONDIZI, 1957, p. 292). De maneira resumida, o peronismo era, na visão de Sílvio Frondizi, um garçom do capitalismo e como tal realizava a condução das massas através de uma ação demagógica.

Em linhas gerais, Frondizi classifica o peronismo como um regime bonapartista, marcados por demagogismos e pela ditadura policial. Mas uma problemática é crucial na obra de Frondizi: qual seria o possível sucessor do peronismo, quando o mesmo entrasse em ruína? Para Frondizi, a revolução socialista deveria substituir o então atual governo através da tomada de poder. Caso isso não acontecesse o país estaria entregue ao fascismo. O revolucionário argentino era realmente irredutível. Ou revolução socialista ou a escravidão permaneceria, chegando em estágios em que a massa trabalhadora do país seria silenciada.

Mas mesmo tendo criticado veementemente o peronismo, Frondizi conseguiu visualizar nele aspectos positivos. O balance que fez do peronismo permite colocar em descoberto uma diferença entre as “promessas e a realidade.” Vamos entender aqui, como Frondizi classificou a atuação de Perón. O primeiro ponto positivo consiste exatamente na “incorporación de la masa a la vida política”⁵⁰ (FRONDIZI, 1957, p. 297). Em outras palavras, Perón havia conseguido realizar o que nenhum dos partidos

⁴⁹ Como cem mil vezes en la historia, o regime peronista pretende elevar-se acima das classes sociais e se erigir como árbitro do sistema. (Tradução livre do autor)

⁵⁰ Incorporação da massa á vida política. (Tradução livre do autor)

da esquerda conseguiu. Mas o militante argentino destacou que essa incorporação das massas á vida de lutas por melhoras sociais estava marcada por interesses políticos e pessoais diferentes dos da revolução socialista. Essa anexação da massa, entretanto, realizou-se á distância e os trabalhadores eram passivos e alheios aos movimentos políticos do país. Independente disso, Perón conseguiu “amadurecer” a classe trabalhadora, dando-lhe, ainda que minimamente, consciência. E aqui está o segundo aspecto positivo do peronismo:

El proceso demagógico presenta algunos resultados beneficiosos, particularmente en el orden social y político. Al apoyarse en el pueblo, la dirección política capitalista aun en el caso de que no otorgue en realidad ninguna ventaja económica al obrero le desarrolla la conciencia de clase y le da la suficiente personalidad como para sentirse amo del Estado.⁵¹ (FRONDIZI, 1957, p. 284)

Esse amadurecimento das massas acabou por desenvolver imediatamente sua consciência. Para chegar a esse estágio seriam necessários muitos anos de lutas sociais e militância.

O terceiro aspecto positivo do peronismo estava localizado exatamente na debilidade capitalista. A consequência disso para a Argentina foi a desintegração dos partidos políticos: “En otras palabras, la situación objetiva está produciendo objetivamente la desintegración de los partidos tradicionales y el peronismo es el agente ideológico de esa desintegración.”⁵² (FRONDIZI, 1957, p. 299). Entre alguns dos partidos que estavam desorganizados se encontram: o Partido Comunista, o Partido Radical e o velho Partido Socialista. Mas qual a vantagem dessa desintegração dos partidos? Para Frondizi, esses partidos não eram os verdadeiros representantes das classes trabalhadoras do país, por isso, a crise que se instalou no seio deles serviria vantajosamente as massas. Vale lembrar que o peronismo calou, por alguns anos, toda e qualquer oposição contra o regime.

⁵¹ O processo demagógico apresenta alguns resultados benéficos, tanto na ordem social, como política. Ao apoiar-se no povo, a direção política capitalista ainda que não ofereça, na realidade, nenhuma vantagem econômica ao trabalhador acaba desenvolvendo sua consciência de classe, dando-lhe suficiente personalidade para sentir-se amo do Estado. (Tradução livre do autor)

⁵² Em outras palavras: a situação objetiva esta produzindo a desintegração dos partidos tradicionais e o peronismo é o agente ideológico dessa desintegração. (Tradução livre do autor)

A destruição da unidade do exército, fruto da política peronista e que causou a divisão do exército entre oficialidade peronista e antiperonista, foi o quarto fator positivo encontrado por Sívio Frondizi. Porque ele considera importante essa debilidade do exército? Ora, Frondizi pensou no exército como parte de um aparato repressivo da burguesia e, por isso, sua debilidade só poderia soar vantajosa para a classe trabalhadora.

A destruição da juridicidade burguesa era o último aspecto positivo visualizado pelo militante:

La Sacrosanta Constitución ha perdido su virgindad; el poder judicial ha sido atacado y pisoteado cien veces, poniendo al descubierto su carácter de servidor de una situación. Todo ha sido escarnecido acelerando el proceso de descomposición de la sociedad burguesa.⁵³ (FRONDIZI, 1957, p.300)

Perón, dessa forma, conseguiu destampar a “panela podre da sociedade burguesa, mostrando-a tal como é”. Ao mostrar a podridão do mundo burguês, Perón mostrou capacidade acima da média. Contudo, isso não tornaria o presidente um líder revolucionário.

Por trás desses cinco aspectos positivos que apontou Frondizi, encontra-se a destruição da sociedade burguesa. Alguns desses aspectos, como é o caso do desenvolvimento da consciência de classe e da maior participação política das massas eram tentativas de oferecer a construção do mundo socialista.

Mas para além de aspectos positivos, o peronismo também apresentava alguns aspectos negativos. O primeiro aspecto negativo consistia exatamente no “aventureirismo” de Perón. Além disso, todo o sistema bonapartista estava recheado de “corrupção política, administrativa e pessoal”. A palavra que Frondizi usa para resumir o governo de Perón é “pornocracia”:

Uno de los extremos del bonapartismo, el político dominante cae en todos los excesos. Desde este punto de vista el régimen podría ser llamado de “pornocracia”. Podemos indicar además la formación a la sombra del

⁵³ A Sacrossanta Constituição perdeu sua virgindade; o poder judiciário tem sido atacado e pisoteado cem vezes, colocando em descoberto seu caráter de servidor de uma situação. Tudo tem sido escarnecido acelerando o processo de decomposição da sociedade burguesa. (Tradução livre do autor)

sistema de una casta económica semejante a la de Goering en la Alemania nazi.⁵⁴ (FRONDIZI, 1957, p. 301)

O segundo aspecto negativo consiste na posição do peronismo em relação à classe trabalhadora. Segundo Frondizi, Perón conseguiu estatizar e ao mesmo tempo burocratizar o movimento dos trabalhadores:

Con la estatización y la burocratización se mantiene el movimiento obrero en carriles perfectamente establecidos de antemano, haciéndosele servir a las conveniencias de la clase dominante e impidiendo que tome un carácter autónomo y de defensa de los intereses auténticamente proletarios.⁵⁵ (FRONDIZI, 1957, p. 301)

Mesmo nessas condições, o movimento dos trabalhadores era temido pela classe dominante. O governo, astuto como poucos, criou organizações paralelas a CGT, cuja finalidade consistia em desmembrar e limitar a ação das massas. Aqui é importante destacar que Frondizi dificilmente se refere aos sindicatos, ainda que seja possível perceber algumas relações dos sindicatos com os trabalhadores em sua obra.

De maneira geral, Frondizi acreditou que as contradições do peronismo levariam a seu fim, afirmativa que acertou parcialmente. O militante defendia a tese de que o setor político do governo estava sofrendo um abandono estarrecedor por parte das massas do país. Essa situação estava demarcando o processo que permitiria a fase fascista no governo, ou seja, havia chegado a “hora zero para as forças revolucionárias socialistas do país”. Era o começo da revolução socialista.

A conclusão de Frondizi era que a burguesia, em especial o peronismo havia fracassado na tentativa da revolução democrático-burguesa. Esse fracasso estava condicionado para muito além da espacialidade argentina. Atingiria também, em um momento ou outro, todas as semi-colônias da América Latina. Dessa forma, a realidade da argentina, estava determinada pela condição do país: uma semi-colônia

⁵⁴ Um dos extremos do bonapartismo: o político dominante cai em todos os excessos. Desde o ponto de vista do regime poderia ser chamado “pornocracia”. Podemos indicar, ademais, a formação à sombra de um sistema de castas econômica semelhante à de Goering na Alemanha nazista. (Tradução livre do autor)

⁵⁵ Com a estatização e a burocratização se manteve o movimento trabalhador em trilhos perfeitamente estabelecidos de antemão, fazendo-o servir as conveniências da classe dominante e impedindo que tomasse um caráter autônomo e de defesa de interesses autenticamente proletários. (Tradução livre do autor)

presa ao imperialismo dominante. O peronismo, diante dessa realidade, não passava de uma ilusão passageira. A revolução democrático-burguesa, almejada por Perón, não possuía capacidade suficiente para alterar a situação de crise do país. O peronismo, para Frondizi, não passava de uma anedota na história da luta de classes na Argentina, representando o fracasso de uma burguesia arruinada e não teria nenhuma participação na futura revolução socialista que atingiria muito em breve o país. E o Partido Comunista do país, que acreditava na revolução socialista como uma continuidade da revolução democrático-burguesa estava enganado. O futuro da Argentina estava concentrado apenas na revolução socialista, só nela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Argentina do século XX foi demarcada, até meados do de 1940, por conflitos políticos entre a oligarquia e os radicais. Eram esses dois elementos políticos que disputavam acirradamente o poder. O “golpe” de 1943 marcou profundamente a história do país, na medida em que representou uma ruptura desse processo. Ao assumir a Secretaria do Trabalho e Previdência, durante o governo militar de Edelmiro Farrell, o coronel Juan Domingo Perón começou a cair nas graças do povo. Esse fator acabou levando Perón a disputar as eleições de 1945, da qual saiu presidente. Os dez anos que marcaram o primeiro ciclo de seu governo foram estudados profundamente por um marxista argentino chamado Sílvio Frondizi.

Inicialmente, antes de realizar a interpretação do peronismo, Sílvio Frondizi foi professor da *Universidad de Tucumán* sendo influenciado pela visão trágica de mundo: uma teoria que afirmava estar o mundo caminhando para o seu próprio fim. Dessas orientações teóricas foi publicado um livro que realçava o liberalismo e a democracia: *El Estado moderno. Ensayo de crítica constructiva*. A crise dessa visão de mundo operou-se no pensamento de Frondizi quando ele percebeu a possibilidade de transformar a realidade na qual estava inserido. Ao ter contato com produções marxistas e fazer amizades com professores de tendências á esquerda, Frondizi lentamente foi aceitando o materialismo histórico como referência para seus escritos e sua vida. E foi pensando no materialismo que ele analisou um dos períodos mais debatidos da história argentina: o peronismo.⁵⁶

O primeiro ciclo peronista aparentava uma realidade: justiça social. Desconstruir essa realidade não era uma tarefa muito fácil. Embasado em inúmeros documentos e inspirado em obras marxistas, o militante argentino realizou com êxito sua missão: demonstrar, através do materialismo dialético, a verdadeira face do peronismo. E ele conseguiu.

Apesar das críticas e perseguições que recebeu, Frondizi conseguiu escrever uma das mais importantes obras sobre a política argentina do século XX: *La realidad*

⁵⁶ Referimo-nos aqui ao primeiro ciclo peronista (1946- 1955)

Argentina. Não temendo represálias elaborou uma teoria sobre o capitalismo, além de estudar o impacto desse sistema no seu país. Ao definir o peronismo como uma manifestação bonapartista rompeu com as tradicionais interpretações propostas pela esquerda do país e, portanto, renovou o pensamento marxista na América Latina. Soube também entender e apresentar de maneira única as várias contradições que caracterizaram o primeiro ciclo do governo peronista. Mas suas críticas á Perón foram complementadas pela sua capacidade de perceber no peronismo aspectos positivos, entre os quais citamos: a incorporação da massa a vida política; o amadurecimento da classe trabalhadora através do despertar de sua consciência; a posição de debilidade do sistema capitalista caracterizada pela situação dos partidos políticos; a debilidade do exército e por fim a destruição da juridicidade burguesa. Contudo, mesmo possuindo aspectos positivos o coronel Perón era um representante da burguesia e com isso deveria ser derrubado do poder imediatamente. Diante da tentativa de realizar a revolução democrático-burguesa Perón havia fracassado e só restava uma opção ao povo argentino: armar-se para a revolução socialista, aquela que nortearia o país em busca da igualdade e da verdadeira justiça social.

Mas Frondizi não se acertou com seus pares. O Partido Comunista Argentino criticou o movimento que o militante organizava em sua casa e nas serras de Córdoba. A partir de então criou-se um grave acirramento entre o grupo dirigido por Frondizi e o Partido Comunista. Essas discussões teóricas pouco contribuíram para uma efetiva ação da revolução socialista.

Mesmo inovando o pensamento de sua época, Frondizi deixou de lado, pelas limitações do momento, importantes questões que poderiam ser abordadas (principalmente ao não aprofundar sua análise sobre a destruição do exército pelo peronismo). Independente disso, ele foi um intelectual comprometido com a classe que representava: a classe trabalhadora. O mundo burguês que o rodeava não foi suficientemente capaz de sobressair-se aos seus ideais. E qual é a prova da militância de Frondizi? A fundação do MIR-Práxis (Movimiento de Izquierda Revolucionário-Praxis) é a confirmação de que a teoria que foi proposta em seus livros e folhetos efetivou-se também como prática político-revolucionária. Frondizi doou sua vida na

defesa de seus ideais ao ser assassinado pela Triple A, provavelmente a mando dos peronistas.

Sua produção literária ainda é pouco estudada. Entre suas obras destaca-se *La Revolución Cubana: su significación histórica*, um importante estudo sobre a história de Cuba e a relevância da revolução operada naquele país, no final da década de 1960, para as esquerdas da América Latina e do mundo. Desenvolveu também, nessa obra uma importante análise econômica da situação da América Latina, em especial da realidade cubana na época da revolução.

No tomo II de sua obra *La realidad argentina*, Frondizi fez uma análise minuciosa das teorias socialistas. Para tanto estudou os teóricos mais conhecidos: Lênin, Trotsky e o próprio Marx. É nessa obra que ele apontou a saída para o povo argentino e propôs a revolução socialista. Essas são algumas indicações de possíveis estudos sobre a produção do militante argentino.

A militância de Frondizi enquanto intelectual orgânico foi marcada por altos e baixos. Seu assassinato parece fechar assim uma vida marcada pelo espírito da tragédia. Para muitos ele foi um traidor de sua classe, mas não foi com certeza aos seus valores, aos seus ideais. Defendeu os valores humanistas diante de uma classe que os abandonava descaradamente. E nessa defesa não temeu as conseqüências e represálias. O desenlace da tragédia marcou uma vida dedicada ao povo, porém pouco conhecida se comparada a do Coronel Perón. Resgatar sua história é, portanto, resgatar a história de um homem do próprio povo argentino.

FONTES

FRONDIZI, Sívio. *La Realidad Argentina. Ensayo de interpretación sociológica. Volumen I: El sistema capitalista; volumen II: La revolución socialista*. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis, 1957.

_____. *Doce años de política Argentina*. 2ª Edição. Buenos Aires: Práxis: 1958.

_____. *La Revolución Cubana. Su significación histórica*. 2ª Edição. Montevidéo: Ciências Políticas, 1961.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Samuel. *Sílvio Frondizi y el surgimiento de la nueva izquierda*. Disponível em: <http://cdi.mecon.gov.ar/biblio/doc/cema/doctrab/313.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BAGÚ, Sérgio. *Argentina, 1875-1975: Población, economía, sociedad. Estudio temático e bibliográfico*. México: Libros de México, 1978.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.

BRIENZA, Hernan. *Sílvio Frondizi, um franco-atirador marxista*. 1ª Edição. Buenos Aires: Capital Industrial, 2006. Coleção Fundadores de la izquierda argentina.

_____. *John W. Cooke: El peronismo revolucionário*. 1ª Edição. Buenos Aires: Capital Industrial, 2006. Coleção Fundadores de la izquierda argentina.

BRUIT, Héctor H. *Estado e burguesia nacional na América Latina*. 1ª Edição. São Paulo: Ícone Editora e editora da Unicamp. s/data.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 1 Ed. São Paulo: Papirus, 1998.

COGGIOLA, Oswaldo; BILSKI, Edgardo. *História do movimento operário argentino*. 1ª Ed. São Paulo: Xamã, 1999.

COGGIOLA, Oswaldo. *Governos Militares na América Latina*. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2001. Coleção Repensando a história.

DI TELLA, Torcuato. La lógica de las evoluciones ideológico-políticas del peronismo. In: PRADO, Maria Ligia C. (Org.). *Vargas & Perón aproximaciones e perspectivas*. 1. ed. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009. V. 1.

DOS SANTOS, Ana Maria. *América Latina: dependência, ditadura, guerrilhas*. In: REIS FILHOS, Daniel A. etall (org). *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GARCIA, Ruiz Henrique. *América Latina Hoy: Anatomia de uma Revolución (v.I)*. 2ª Edição Revisada. Madri: Ediciones Guadarrama, 1971.

_____. *América Latina Hoy: Anatomia de uma Revolución (v.II)*. 2ª Edição Revisada. Madri: Ediciones Guadarrama, 1971.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAPLAN, Marcos. Cinquenta anos de história argentina (1925-1975): o labirinto da frustração. In: GONZALES CASANOVA, Pablo. *América Latina: história do meio século*. 1ª Edição. Brasília: Editora da Unb, 1986.

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2010.

LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª Edição ampliada. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LUNA, Félix. *Argentina: de Perón a Lanusse (1943-1973)*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Coleção Documentos da história contemporânea.

_____. *Breve História de los Argentinos*. 9ª edição. Buenos Aires: Planeta/Espejo de La Argentina, 1995.

MARX, Karl. *O XVIII Brumário de Luis Bonaparte*. In: A Revolução antes da Revolução. 1ª edição: São Paulo: Expressão Popular, 2008.

OLLIER, Maria Matilde. Liderazgo y peronismo: una reflexión abierta. In: PRADO, Maria Ligia C. (Org.). *Vargas & Perón aproximaciones e perspectivas*. 1. ed. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009. V. 1.

PEÑA, Milcíades. *História del pueblo argentino. Vol.II*. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediciones Montevideo, 2006

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

TARCUS, Horácio. *El Marxismo Olvidado em Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. 1ª Ed. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996. Coleção La Cultura Argentina

THALHEIMER, August. *Sobre o fascismo*. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2009. Coleção Marxismo Militante.

SITES

<http://www.rodolfopuiggros.com.ar/biografia.php>

<http://www.fcde.es/site/es/libros/detalleslibro>

<http://www.buenastareas.com/ensayos/Risieri-Frondizi/1634093.html>

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/mondolfo.html>